

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na XIX Cúpula do Grupo do Rio, lido pelo chanceler Celso Amorim

Georgetown, 03 de março de 2007

Quero saudar meu companheiro e amigo, o presidente Bharrat Jagdeo.

É um grande prazer vir novamente à Guiana, um país irmão, de múltiplas dimensões: amazônicas, caribenhas e sul-americanas.

Cumprimento nossos colegas guianenses pela organização da Décima Nona Cúpula do Grupo do Rio, a primeira em um país do CARICOM.

O Grupo do Rio foi criado para solucionar situações de crise, construindo saídas próprias que permitissem a pacificação e a reconciliação em regiões sacudidas por conflitos.

Desde então, a diplomacia e o diálogo político firmaram-se como instrumentos decisivos na promoção da paz e do desenvolvimento da América Latina e do Caribe. Como fruto dessa ação, temos hoje uma região pacífica e democrática.

O Grupo do Rio foi embrião da ampla rede de mecanismos de consultas e diálogo de que hoje dispomos.

Cresceu, ganhou representatividade e deve estar aberto a todos os países da região que queiram integrá-lo.

O Grupo do Rio é um foro privilegiado de entendimento entre latino-americanos e caribenhos sobre temas prioritários da agenda regional e internacional.

Senhor Presidente,

Nosso Grupo ajudou a moldar muitos dos temas que hoje dominam nossas agendas nos diferentes foros regionais e multilaterais.

Nesta Cúpula, estamos debatendo questões centrais para nossos países: a promoção do desenvolvimento econômico e social. Isto necessariamente envolve a integração, o tratamento das assimetrias e a democratização das relações internacionais.

Vivemos um processo de convergência na região.

Temos de traduzir urgentemente essa convergência política em benefícios concretos para nossas populações. Sabemos que a democracia política não prospera se não há democracia econômica e social.

Temos a obrigação de construir uma região mais próspera e pluralista em que todos os direitos econômicos, sociais, civis e políticos sejam respeitados.

A integração física é um dos instrumentos para alcançar esses objetivos. No passado, estivemos de costas uns para os outros.

Isso está mudando. Cumprimos todos a necessidade de unir nossos países através de estradas, pontes e gasodutos. Estamos criando uma malha de infra-estrutura fundamental para o crescimento econômico e para o bem-estar de nossos povos, especialmente em regiões menos favorecidas.

O Presidente Jagdeo certamente partilha a minha alegria com a retomada da construção da ponte sobre o Rio Tacutu, ligando o Brasil à Guiana, a Amazônia ao Caribe. Essa obra reflete nossa determinação de atacar frontalmente uma das causas estruturais das assimetrias entre os países da região.

Mas precisamos, sobretudo, unir-nos politicamente.

O Brasil está empenhado na consolidação da Comunidade Sul-Americana de Nações. Nela estamos adotando políticas estruturais que incluem ações de integração física e energética e de formação, capacitação e cooperação técnica em favor dos países menores.

Essas iniciativas fortalecerão a competitividade, sobretudo, das economias menores. Trata-se de passo fundamental para assegurar o êxito das medidas que estamos tomando para aumentar o acesso a mercados.

No Mercosul, o Fundo para a Convergência Estrutural servirá para financiar programas de desenvolvimento, estimular a eficiência produtiva e promover a coesão social nas economias menores do bloco.

O Brasil tem procurado promover o potencial de exportação dos parceiros sul-americanos para o nosso mercado.

Para isso, lançamos o Programa de Substituição Competitiva de Importações e estamos removendo todos os obstáculos não tarifários – burocráticos, sobretudo – que dificultam a importação pelo Brasil de produtos de seus países vizinhos.

O Brasil está empenhado em alargar essa agenda de integração para todos os parceiros da América Latina e do Caribe.

Nessa agenda, terá um papel importante a disposição brasileira de compartilhar com todos os países da América Latina e do Caribe nossos avanços em matéria de biocombustíveis.

Essas políticas podem ter, em cada país, um forte impacto na redução da dependência energética, no equilíbrio do comércio exterior, na criação de empregos e na melhoria do meio ambiente.

Quero manifestar a intenção do Brasil de aderir ao Banco de Desenvolvimento do Caribe e ao Banco Centro-americano de Integração(BCIE).

Caros colegas,

Nossa presença regional no Haiti é emblemática da importância de fazer valer o nosso ponto de vista.

Os países do Grupo do Rio contribuíram decisivamente para alterar o enfoque da comunidade internacional em relação à situação nesse país irmão.

O avanço que estamos presenciando na normalização do quadro no Haiti confirma que segurança, estabilidade política e desenvolvimento econômico e social são inseparáveis.

Mas é fundamental o engajamento e a mobilização da comunidade internacional, a fim de logarmos a recuperação e a reconciliação do povo haitiano.

Com o mesmo espírito de solidariedade, vários países aqui presentes uniram esforços para lançar a Ação Internacional contra a Fome e a Pobreza.

Já temos os primeiros frutos, como a criação de mecanismos financeiros inovadores, que permitiram o funcionamento da Central Internacional de Medicamentos.

Mas é preciso desenvolver ações de caráter estrutural.

Nas negociações da OMC, temos de mudar as condições injustas que ainda afetam o comércio internacional, sobretudo na área agrícola. Com o G-20, seguiremos empenhados em concluir uma verdadeira “Rodada do Desenvolvimento”.

Meus queridos amigos e amigas,

O Grupo do Rio acumulou considerável acervo de realizações nos últimos vinte anos. É um patrimônio que pertence a todos nós.

A Guiana introduziu, durante sua Presidência do Grupo, uma importante perspectiva caribenha nas discussões.

Cumprimento mais uma vez meu companheiro Jagdeo e nossos anfitriões pela organização desta Cúpula, pela hospitalidade com que nos receberam e pelo excelente trabalho na presidência rotativa do Grupo do Rio.

Desejo todo êxito à República Dominicana, que agora assume a Presidência Pro Tempore do Grupo.

Estou seguro de que, sob a condução do meu amigo, presidente Leonel Fernández, o Grupo do Rio seguirá sua trajetória como poderoso instrumento de ação de nossa região.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de medidas provisórias de liberação de recursos para os Jogos Pan-Americanos 2007

Rio de Janeiro, 07 de março de 2007

Primeiro, Sérgio, quero cumprimentar os nossos companheiros que estão aqui nesta pequena tribuna,

Cumprimentar os deputados,

O senador Crivella, que está aqui,

Os trabalhadores,

Os empresários,

Os atletas,

Os dirigentes de futebol,

A imprensa,

Nós precisamos fazer justiça aos deputados, porque quando o Sérgio Cabral me procurou comunicando que tinha muita dificuldade, porque ele não tinha na tesouraria do estado os 100 milhões que eram a cota para que eles pudessem fazer essa última parte do PAN, ele também me levou a idéia de que tinha emendas de deputados, que nós poderíamos conversar com os deputados e transformar essas emendas que muitas vezes tinham sido apresentadas para outras obras, para que a gente pudesse transferi-las para o PAN. Houve a concordância dos deputados que participaram e hoje eu estou aqui assinando a Medida Provisória, numa demonstração, Sérgio, de que o PAN não é da responsabilidade da prefeitura, do governo federal ou do estado. O PAN, na medida em que o Brasil ganhou o direito de realizá-lo e, dentro do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro conquistou o direito de ser a cidade que vai sediar o PAN, a nós não cabe discutir outra coisa senão concretizar para que o País possa ter um PAN que signifique motivo de orgulho para todos nós.

A nossa responsabilidade é fazer com que o Brasil, com esse PAN, se credencie para uma possível Copa do Mundo em 2014, e se credencie para um dia, que não está muito longe, sediar uma Olimpíada aqui no Brasil. É preciso

parar com essa história de que Olimpíada é coisa de país de Primeiro Mundo, é coisa de país rico, ou seja, nós temos que mostrar, sobretudo, a nossa capacidade de organização, nós temos que mostrar a nossa capacidade de garantir segurança às pessoas e nós temos capacidade de construir o que a gente pode construir de melhor. É isso que nós estamos fazendo aqui.

Quando o PAN sair daqui, ao contrário de muita maledicência que eu já vi e já li, o Rio de Janeiro vai ganhar um patrimônio extraordinário, porque ninguém vai poder carregar as obras nas costas, as obras vão ficar. E é preciso saber como utilizá-las para os clubes que praticam os esportes aqui, e ao mesmo tempo, como a comunidade pode utilizar a Vila Olímpica para o cotidiano da vida desse povo. Afinal de contas, é uma região que envolve 500 mil pessoas e merece ter uma coisa dessas.

Além disso, vai ficar aqui, Sérgio, a formação. Nós estamos formando 10 mil jovens aqui. Eu vi alguns jovens aqui com uma camiseta importante, são meninos que vão servir não apenas – eu não vou chamar de guia turístico – de orientadores do PAN, alguns estão aprendendo um pouco de espanhol, um pouco de inglês, ou seja, estão aprendendo uma profissão. E quando o PAN sair daqui, esses meninos retornarão para casa mais qualificados, mais preparados e, portanto, com muito mais chance de ter um emprego aqui.

Você sabe que nós estamos terminando o aeroporto Santos Dumont. Talvez a gente venha inaugurá-lo, no mês de abril. Você sabe que nós estamos trabalhando a questão da segurança, Sérgio, com muito carinho. São 10.500 jovens, a maioria deles em situação de risco social, que estão sendo treinados para atuar como guias cívicos do PAN. Vejam bem, não são simples guias, carregam na denominação o sentido do civismo e a força da cidadania para que, ao final dos Jogos, se conscientizem da importância que têm para si próprios e do que representam para suas respectivas comunidades. Para isso estão freqüentando aulas de cidadania ética, solidariedade, trânsito e turismo, além de informática e noções de inglês e espanhol.

Quando os Jogos terminarem, esses jovens retornarão para casa com maior qualificação profissional e terão aprendido que outra vida é possível. Deverão influenciar outros jovens e terão todas as condições de atuar como agentes multiplicadores da esperança. Faz parte, ainda, da herança dos jogos

a doação de 3.800 computadores aos programas de inclusão digital, outros 1.200 serão destinados só ao sistema de segurança pública do Rio de Janeiro.

A segurança pública receberá, aliás, um dos maiores legados do PAN, que vai ficar para o estado do Rio de Janeiro e para a cidade do Rio de Janeiro. Além do investimento de quase 400 milhões de reais, nós vamos ter cerca de 600 câmeras de TV que serão instaladas nos locais dos Jogos, nas principais vias de acesso e em pontos estratégicos da cidade. Mais de mil viaturas serão incorporadas à frota de segurança do Rio de Janeiro, a aviação policial do Rio de Janeiro ganhará o reforço de 27 aeronaves, entre helicópteros, aviões e motoplanadores.

O setor de inteligência passará por uma reformulação. Serão montados dois centros de comando e controle, de onde os coordenadores de todas as forças de segurança acompanharão o andamento das ações. Mais de 5 mil aparelhos de comunicação das polícias civil e militar e do Corpo de Bombeiros serão trocados por equipamento com tecnologia digital e criptografados, para evitar que informações sejam interceptadas, como infelizmente acontece hoje. Grande parte dos armamentos e equipamentos ficará para a cidade, uma parte será distribuída entre outras capitais com infra-estrutura de segurança ainda precária. Os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, com certeza, ajudarão a elevar a auto-estima da cidade.

Eu só queria, Sérgio, ler essa coisa aqui da juventude e a questão da segurança, porque vira e mexe as pessoas perguntam: “nossa, mas está gastando com o PAN, nossa, mas está gastando...” No Brasil tem uma hipocrisia, as pessoas falam: “ah, está gastando com o PAN, poderia fazer uma casa popular, poderia fazer uma creche”. Nós precisamos fazer a casa popular, precisamos fazer a creche, mas não podemos prescindir do PAN, que é da nossa responsabilidade.

Quero dizer que, durante a campanha, eu disse ao Sérgio Cabral uma coisa e vou repetir aqui, porque já faz dois meses que ele está no governo, eu já estou com dois meses no segundo mandato, e o Crivela, que foi nosso parceiro nessa empreitada. Eu dizia para o Sérgio durante a campanha: Sérgio, se nós dois tivermos maturidade e inteligência, a gente vai poder criar no Rio de Janeiro a mais perfeita parceria entre o governo federal e o governo estadual que já existiu em toda a história do Rio de Janeiro. E vamos fazer isso

por uma simples razão: este estado é um dos estados mais importantes do Brasil; ele não é economicamente mais forte, São Paulo é mais forte; ele não é maior do ponto de vista populacional, porque São Paulo é maior; do ponto de vista econômico, Minas ainda é maior do que o Rio, do ponto de vista da população; mas, do ponto de vista cultural e do ponto de vista político, este estado continua, desde que a Coroa portuguesa se instalou aqui, sendo o centro de referência para o nosso País.

Por razões que independem de fazer crítica a quem quer que seja, este estado passou um tempo regredindo. Regredindo do ponto de vista econômico, regredindo do ponto de vista da segurança, regredindo do ponto de vista político. Eu dizia ao Sérgio: Sérgio, nós temos como reverter isso. Primeiro, porque do ponto de vista econômico o Rio de Janeiro está recebendo, só de investimento, dois investimentos que juntos somam quase 12 bilhões de dólares, que são o Pólo Petroquímico de Itaboraí e a siderúrgica que está sendo construída em Itaguaí, se não me falha a memória, além do arco rodoviário que finalmente vai sair, graças a Deus.

Ora, além disso, os Jogos Pan-Americanos podem servir não apenas para que os nossos atletas ganhem medalha, é importante que ganhem, mas a gente não pode ver o esporte apenas como uma questão de medalha, a medalha é consequência. Nós temos que ver o esporte no País como uma das possibilidades de a gente ganhar os nossos adolescentes do narcotráfico e do crime organizado. Não existe instrumento, além de uma boa educação e da possibilidade de emprego, do que a prática do esporte para você convencer o jovem e a jovem de que existe um outro espaço a ser ocupado por todos nós.

Por isso, meu companheiro governador, meu caro Nuzman, meu caro ministro Orlando, eu quero dizer para vocês, e eu vou repetir aqui, Sérgio, se nós dois apenas respeitarmos, sem fazer nada de excepcional, se nós dois respeitarmos a expectativa desse povo, o carinho com que ele nos tratou durante o processo eleitoral, a somatória de votos que ele nos deu e o carinho que a gente vê estampado nas ruas quando a gente passa, se nós respeitarmos apenas isso, nós dois passaremos para a história como a maior parceria entre entes federativos deste País, entre o Rio de Janeiro e entre São Paulo.

Eu dizia para o Sérgio: Sérgio eu estou numa situação tão confortável,

porque o fato de eu não vislumbrar para a frente nenhuma eleição, o fato de não ter que ser candidato mais a nada, a partir do fim do mandato, tirou uma carga de 600 quilos das minhas costas, ou seja, eu estou muito mais leve, estou muito mais livre, até para bater pênalti, porque o pênalti, se eu marcar, é uma homenagem a um jogador que a maioria de vocês não conhecem, chamado Cláudio Cristóvão Pinho, que foi ponta direita do Corinthians, um exímio batedor de pênalti. E se eu perder, é uma homenagem aos nossos três vascaínos que perderam pênalti no domingo retrasado, aqui, no Maracanã.

Então, de qualquer forma, Sérgio, se você deixar eu marcar, é uma homenagem ao Barbosa, que foi vítima de todos nós, porque o Brasil não foi campeão do mundo, em 1950. Se você defender, é uma homenagem a um dos maiores goleiros deste País, chamado Castilho.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia em comemoração ao Dia Internacional da Mulher

Rio de Janeiro-RJ, 07 de março de 2007

No fundo, no fundo, eu acho que vocês estão cansados de discursos. Mas, pelo menos, a minha nominata eu vou ler aqui para não criar problemas.

Eu quero, primeiro, cumprimentar o nosso governador Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro e sua companheira, sua esposa Adriana Ancelmo,

Quero cumprimentar minha companheira Marisa,

Quero cumprimentar a companheira Nilcéa Freire, secretária especial de Políticas para as Mulheres,

Quero cumprimentar os ministros de Estado que estão comigo, Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Agenor Álvares, da Saúde; Orlando Silva, do Esporte; Márcio Fortes, das Cidades; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral; Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial;

Quero cumprimentar o senador Marcelo Crivella,

Quero cumprimentar a deputada Cida Diogo, deputados Edson Santos, Jorge Bittar e Simão Sessim e Alexandre Santos,

Quero cumprimentar a nossa querida Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar o Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro,

Quero cumprimentar o Vital Severino Neto, presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro,

Quero cumprimentar os prefeitos aqui presentes, que estão aí embaixo, junto de vocês,

Quero cumprimentar os deputados estaduais,

Quero cumprimentar os secretários estaduais e municipais,

Quero cumprimentar o José Barbosa, presidente da Casa da Moeda, que cunhou as moedas para simbolizar esse Dia Internacional da Mulher e o

prêmio dado aqui,

Quero cumprimentar a Silvia Aparecida Domingues de Almeida, do Movimento Nacional Cidadãs Posithivas,

Quero cumprimentar a Sonia Regina Gonçalves da Silva, presidente da Associação de Mulheres do Morro do Urubu,

Quero cumprimentar a senhora Aída dos Santos e a senhora Tereza Guilhermina, em nome de quem eu cumprimento todas as atletas e paratletas aqui presentes,

Quero cumprimentar a nossa querida Benedita da Silva,

Quero dizer duas coisas importantes, Nilcéa, que você vai saber agora. Ontem, eu assinei uma medida provisória indicando a primeira mulher para ser ministra no Superior Tribunal Militar brasileiro, a ministra Maria Elizabeth Guimarães Teixeira Rocha. E também, outro dia, a Marisa participou de um evento lá em Brasília, onde nós formamos a primeira turma de 11 mulheres aviadoras da Força Aérea Brasileira. Portanto, não são apenas mais pilotos, agora são pilotas também.

E eu não poderia, Sérgio, deixar de fazer um cumprimento especial ao nosso querido Roberto Dinamite. Eu não sei se é porque o Sérgio Cabral e eu somos vascaínos. Com todo o respeito aos botafoguenses, aos flamenguistas, aos fluminenses, ao tricolor das Laranjeiras mas, por acaso, nós dois somos vascaínos. E eu me deparo com uma das figuras mais brilhantes que o futebol brasileiro produziu nessas últimas três décadas. Pode tentar continuar jogando até fazer o milésimo gol, Roberto, não tem mais limite de idade.

Eu queria dizer para vocês o seguinte: eu não vou entrar nas discussões que aqui já foram ditas pela companheira Nilcéa, pelo companheiro Agenor e pela representante da Unicef.

Eu queria dizer para vocês algumas coisas. Certamente, ainda falta muita coisa para a mulher conquistar a plenitude da igualdade no planeta Terra e no nosso País mas, certamente, se nós analisarmos os últimos 50 anos, nós vamos descobrir que as mulheres conquistaram espaços extraordinários em todas as atividades da vida deste País.

Vocês estão lembrados que não faz muito tempo que mulher andar de calça comprida na rua era feio, vocês estão lembrados que mulher ser

enfermeira era feio, vocês estão lembrados que mulher ser comissária de avião era pejorativo, vocês estão lembrados que mulher fumar na rua era uma coisa horrível. E vocês foram percebendo que as mulheres foram ocupando espaços, foram conquistando e os homens não foram cedendo, mas fomos compreendendo que somente partilhando a nossa convivência na cidade, na casa e no País é que nós poderíamos construir uma democracia verdadeira. Falta muito para a mulher conquistar ainda e falta muito para que os homens avancem na compreensão do papel das mulheres, porque o problema nosso não é (Inaudível) de instrumentos legais, porque a nossa Constituição é muito bem feita e garante os direitos às mulheres.

Portanto, é preciso mais que uma lei, é preciso que haja uma evolução na qualidade da massa encefálica que temos dentro do cérebro para compreender a importância da convivência paritária, igual, entre homens e mulheres, porque a violência contra a mulher é proibida por lei. No ano passado aprovamos a Lei Maria da Penha, que dá cadeia e não cesta básica para quem bater na mulher.

Então, neste dia 7, em que nós estamos participando deste evento em comemoração ao Dia Internacional da Mulher – e não pode ser amanhã porque amanhã eu estarei recebendo o presidente da Alemanha, por isso a Nilcéa antecipou para hoje, aqui no Rio de Janeiro – eu queria dizer para vocês que nós precisamos dar um passo adiante. E quero que vocês aproveitem, eu tenho mais quatro anos de mandato, eu quero que vocês aproveitem, é um desafio que eu estou fazendo a vocês. Aproveitem o fato de eu ter mais quatro anos de mandato e façam as reivindicações que estão enrustidas na cabeça de vocês e no movimento, porque nós só vamos avançar se houver ousadia da sociedade para que o governo seja ousado e cumpra com a sua função. E para que essa ousadia venha a acontecer, no ano que vem, Nilcéa, você poderia, no Dia Internacional da Mulher, fazer um dia de combate à hipocrisia que está estabelecida na cabeça de todos nós.

Por que é o dia da hipocrisia? Hipocrisia porque muitas vezes nós deixamos de debater os temas da forma verdadeira com que eles têm que ser debatidos, por puro preconceito, por pura... “ah, mas minha mãe não gosta, meu pai não gosta, a igreja não gosta, não sei quem não gosta”. Trinta por cento das meninas entre 15 e 17 anos que estão fora da escola, a razão são

filhos precoces. Trinta por cento das meninas entre 15 e 17 anos que não estão freqüentando a escola é porque tiveram filho.

E por que tiveram filho numa idade em que poderiam ter a vida pela frente, ao invés de um filho? É porque no tempo adequado e no momento certo não houve a educação sexual que deveria ser dada dentro de casa, que deveria ser dada na escola, que deveria ser dada na televisão, que deveria ser dada no rádio. Na hora em que a gente trata esses assuntos com uma certa hipocrisia e não temos coragem de discutir os temas como eles são, o resultado que nós colhemos é a gravidez precoce, é a violência entre jovens, porque a gente não cuidou de ensinar.

Eu estou dizendo isso para mim e para vocês, porque muitas vezes nós somos modernos nos discursos, mas em casa a gente não tem coragem de conversar com a filha da gente, não tem coragem de conversar com o filho da gente. Agora tem um problema mais sério, meu caro Roberto Dinamite, que é uma verdadeira dinamite neste País, que é o crescimento das pessoas convivendo com Aids. Eu fui orientado pela Nilcéa que eu não poderia falar “aidético”, porque politicamente não é correto, vou aqui, agora, não errar mais politicamente.

Pois bem, houve um tempo em que todo mundo ficava tranqüilo porque diziam o seguinte: “a Aids só pega nos homossexuais”. Então, quem não era homossexual achava uma maravilha: “eu nunca vou ter Aids”. Depois inventaram que a Aids só vai pegar em quem usa drogas, sobretudo quem injeta drogas na veia: “ah, eu não injeto, então eu estou livre disso”; a Aids é uma coisa de homem que trai a mulher: “eu não traio, então eu estou livre disso”. O tempo vai passando, a ciência vai evoluindo e nós vamos descobrindo que a Aids é tudo isso e um pouco mais que nós ainda não sabemos.

No governo, nós estamos dispostos a tomar todas as medidas para que a gente possa evitar, sobretudo, num momento em que a Aids está crescendo entre as mulheres heterossexuais. Então, acabou o tabu, acabou a frescura da gente ficar transferindo responsabilidades: “é uma doença do vizinho, não é minha. É uma doença da vizinha, não é minha”. Ela é uma doença de todos nós e todos nós temos que ter certeza de uma coisa: não tem como a gente carimbar na testa de uma criança, adolescente, qual é o momento em que ela

pode começar a fazer sexo. Não tem como um pai ou uma mãe dizer: “a minha filha só vai fazer sexo, ou o meu filho, quando eu quiser”. Primeiro porque sexo é uma coisa que quase todo mundo gosta e é uma necessidade orgânica, é uma necessidade da espécie humana e da espécie animal. Portanto, como nós não temos controle disso, o que nós precisamos é educar, no momento certo, enquanto é criança. No mesmo momento em que essa criança está aprendendo que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, ela precisa começar a ter noções do seu próprio corpo para que possa evitar as mazelas de que nós fomos vítimas a vida inteira neste País.

Recentemente, fiz viagem por 17 países da África. Tem estado em que metade da população está convivendo com a Aids. Sabe por quê? Porque em algum momento o Estado e o governo resolveram fingir que não tinham problemas, e o resultado é muito pior depois, porque a gente não vai tratar da vida e não vai tratar da saúde, a gente vai tratar da doença e vai tratar da morte. Por isso, meus amigos e maioria de amigas que estão aqui presentes, meus companheiros e minhas companheiras, esse Dia Internacional da Mulher é um alerta para todos nós: vamos fazer um combate à hipocrisia neste País. preservativo tem que ser doado e ensinado como usar. Sexo tem que ser feito e ensinado como fazer. Somente assim, nós seremos um País livre da Aids e de outras doenças infecciosas.

Muito obrigado e parabéns às mulheres.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração dos condomínios do Programa de Arrendamento Residencial em Santa Cruz

Rio de Janeiro-RJ, 07 de março de 2007

Meus queridos e queridas companheiras da região oeste do Rio de Janeiro, de Santa Cruz,

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro e sua esposa,

Minha companheira Marisa,

Meu querido companheiro Márcio Fortes de Almeida, ministro das Cidades,

Nossos queridos ministros Luiz Dulci e Tarso Genro, que estão aqui me acompanhando,

Meu caro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,

Nossa querida Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Deputados federais Alexandre Santos, Jorge Bittar, Simão Sessim,

E deputados estaduais Jorge Babu e Rodrigues Neves,

Meu caro José Domingos, superintendente da Caixa Econômica Federal, em nome de quem quero cumprimentar todos os funcionários da Caixa que estão aqui,

Meu caro Luiz Humberto Côrtes Barros, secretário municipal de Habitação,

Vereadores aqui presentes,

Homens e mulheres beneficiárias do Programa de Arrendamento Residencial – e eu quero dizer da alegria de abraçar a Renata e a Sara aqui, neste momento,

Meus amigos e minhas amigas moradores e moradoras dos Condomínios Matélica, Ravena, Ametista e Topázio,

Eu não vou ler discurso, vou apenas dizer para vocês do prazer, da

alegria, Sérgio, de estar aqui, no Rio de Janeiro, e visitar um conjunto habitacional. Certamente, ainda não é a casa do tamanho que vocês sonham, mas, quando a gente olha para o Brasil inteiro, a gente vê que tem gente muito mais rica do que a gente, mas percebe que a Caixa Econômica Federal melhorou, e muito, nos conjuntos habitacionais. Eu vou sair daqui com uma imagem altamente positiva das condições, do terreno, das áreas de lazer que vocês têm neste Conjunto, que vai permitir às crianças brincar com tranqüilidade. Eu vi ali atrás, tem até um campinho de futebol para os vascaínos derrotarem os flamenguistas, ou para os flamenguistas derrotarem os vascaínos, ou para os tricolores derrotarem os botafoguenses, ou para os botafoguenses derrotarem os tricolores. Mas, com um campinho destes, a mãe vai ficar tranqüila em saber que o filho não está em casa porque está no campinho, e tem até área de lazer para as crianças menores brincarem. Quem sabe, daqui a 10 anos, a gente possa estar vendo no jornal que um menino que treinou nesse campinho virou um jogador profissional e está jogando, de preferência, no nosso Vasco, Sérgio Cabral.

Mas, brincadeira à parte, eu sinto, no fundo da minha alma, alegria, e sei por que as duas companheiras – a que falou e a que recebeu a chave – ficaram emocionadas. Eu me casei em 1969 e fui pagar aluguel. Naquele tempo, eu pagava 100 cruzeiros, ou cruzados, de aluguel, e eu achava o dinheiro mais amaldiçoado. Era trabalhar o mês inteiro e chegar no fim do mês, pegar uma parte do meu salário e pagar um aluguel, que eu sabia que não era meu e que eu não ia ter mais retorno. Eu morei um ano e um mês num quarto e cozinha e, quando chovia, a lesma que grudava na parede era do tamanho desta folha de papel aqui, tinha que ficar jogando sal para a lesma sair.

Depois de dois anos, eu comprei minha primeira casinha num bairro chamado Parque Bristol, em São Paulo, um bairro muito pobre, e fui comprar uma casinha na Rua Verão. Era uma pirambeira, era uma descida, Celso, eu me lembro como se fosse hoje: Rua Verão, nº 10. Era uma pirambeira que, quando chovia, eu tinha que arregaçar as calças. Comprei uma galocha, colocava a galocha no pé até chegar no asfalto, chegava no asfalto e tirava a galocha, embrulhava no jornal, entrava no ônibus, levava para a fábrica, lavava a galocha. De noite, vinha com a galocha embrulhada, descia na padaria, colocava a galocha, enchia ela de barro outra vez, chegava em casa e lavava a

galocha para estar pronta para o dia seguinte.

Quando foi um dia, comprei um fusquinha. Eu descobri que, quando chovia, eu só olhava o fusquinha e não podia subir a rua, porque era uma pirambeira de barro vermelho. Eu me lembro que na eleição de 1972, um deputado, lá em São Paulo, foi na Rua Verão e colocaram guia e sarjeta – eu não sei se vocês chamam guia e sarjeta aqui no Rio de Janeiro. Todos nós ficamos felizes, era perto das eleições, guia e sarjeta espalhadas na rua, e aqueles caminhões derrubando. Aqui vocês chamam de meio-fio, lá era guia e sarjeta. Eu fiquei feliz, os moradores todos: agora vai ter meio-fio aqui, nós não vamos sujar mais o sapato e eu vou aposentar a minha galocha. Qual foi a minha surpresa quando, passadas as eleições, os desgramados levaram embora os meio-fios e eu continuei amassando barro.

Eu estou contando esta história para dizer para vocês que eu sei que toda mulher e todo homem, todo trabalhador brasileiro carrega três sonhos na vida, que são a marca registrada de cada homem e de cada mulher. Um deles é ter uma casa própria, como se fosse um passarinho: nós sabemos que tem muitos ninhos por aí, mas nós queremos o nosso ninho. Nenhum passarinho põe ninho no ninho do outro, a não ser o chupim, que derruba o ovo do tico-tico e coloca o ovo no lugar, para o tico-tico criar o chupim.

Mas todo ser humano honesto e trabalhador, que não é chupim, quer o que é dele, quer o ninho dele, quer saber que vai morar num lugar em que os filhos dele vão ter os amigos, em que vai ter escola, em que vai ter uma série de coisas. A família vai construir amizade e ele vai viver tranquilo. O segundo sonho é ter emprego. Se você tiver os dois juntos, a casa e o emprego, aí Deus está te abençoando duas vezes. Mas, se além de ter a casa e o emprego, a gente puder colocar o filho numa faculdade, aí Deus está olhando a gente três vezes e amando a gente três vezes. É esse o sonho que eu tenho para construir este País.

Quando eu venho em um condomínio, mesmo um condomínio humilde, porque não é um apartamento de 600 metros, é de 42 metros, eu vejo uma condição extraordinária para que as crianças possam brincar, para a dona-de-casa, quando estiver dentro de casa, saber que o filho está fora de casa, está num condomínio, um condomínio humilde, mas é o primeiro sinal de dignidade e cidadania que o povo pobre deste País está conquistando.

Eu fico feliz, sabe por quê? Porque vocês vão pagar aluguel, 224 reais, eu vi, no meu discurso, que era de 173 a 224 reais. Algumas pessoas vão pagar, aqui, no que é seu, menos do que pagavam no que não era delas e, às vezes, em péssimo lugar, num lugar muito pior do que este, sem a tranqüilidade que este aqui vai dar para vocês. Fico feliz por saber que vocês vão pagar isso e, daqui a algum tempo, vocês poderão decidir: isso aqui vai ser meu. Se um trabalhador recebeu uma indenização, ele fala: “bom, eu não quero mais pagar a prestação. Eu vou pagar”. Depois de cinco anos, ele pode quitar o seu apartamento. Quando a gente quita e quando o homem é companheiro de verdade da mulher, ele pensa assim: “se eu morrer, a minha mulher e os meus filhos estarão garantidos, não vão ficar desabrigados”.

Daí porque a minha alegria de estar aqui, de dar os parabéns à companheira Maria Fernanda, ao companheiro Marcio Fortes. Esse Programa PAR não é do nosso governo, esse programa vem do governo passado. Nós consideramos o Programa extraordinário, resolvemos mantê-lo e aprimorá-lo, para que a gente pudesse construir mais casas.

Os empresários que construíram este Conjunto certamente estão aqui. Eles sabem que, nesses últimos quatro anos, nós fizemos um investimento na construção civil como poucas vezes foi feito neste País. O que é importante é que nós pagamos em dia e quando chega no final do ano, nós fechamos a nossa conta. Eu aprendi, embora sendo filho de mulher muito pobre, com oito filhos, que a gente só conquista o direito de andar com a cabeça erguida quando a gente cumpre com as nossas obrigações. E o Estado brasileiro fazer contrato com empresários e pagar em dia dá ao Estado brasileiro a condição de cobrar também que a obra seja executada no tempo e no prazo determinado. Quando o Estado não paga, o empresário não faz e o prejudicado é o povo, que não recebe. Eles sabem disso.

Para estes próximos quatro anos nós vamos ter, Governador, 146 bilhões de reais para investir em habitação, urbanização de favelas e saneamento básico. É o maior investimento que já se pensou em fazer neste País, para que a gente resolva três problemas crônicos: o da casa própria, o de melhorar as condições de vida das pessoas que moram em favelas e o de saneamento básico, porque quando não tem coleta de esgoto, as crianças

pisam em esgoto a céu aberto, a doença logo chega e tudo fica muito mais difícil.

Portanto, meus parabéns àqueles que vão receber a casa. Que Deus permita que vocês tenham saúde, que vocês possam trabalhar e que vocês possam aqui, neste conjunto habitacional, cuidar da família de vocês com o carinho e com o sonho que vocês sempre sonharam. Que Deus abençoe todos vocês. Podem ficar certos de que nós vamos inaugurar muitos conjuntos destes pelo Brasil, porque o sonho que eu tive quando comprei a minha primeira casinha, na Rua Verão, no Parque Bristol, é um sonho que eu quero que cada homem, que cada mulher deste País tenha para construir o seu próprio ninho.

Muito obrigado, gente!

Um aviso importante para vocês, que eu pensei que tinha dado e não dei, é o seguinte: quando as pessoas adquirem uma casa, elas ficam com medo da prestação. Eu quero dizer para vocês que a prestação, o reajuste anual é uma taxa chamada TR, Taxa Referencial. Isso vai dar, hoje, por volta de 3% ao ano, que vai ser o reajuste da prestação quando tiver que reajustar. Eu estava dizendo que o reajuste da prestação vai ser mais barato do que um maço de cigarro. Eu esqueci de dar essa informação, e eu quero dar para ninguém ficar preocupado com quanto vai vir de aumento. O aumento vai ser a TR, que hoje está muito baixa e, se Deus quiser, vai baixar um pouco mais.

Obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento da Rio Solidário – Obra Social do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro-RJ, 07 de março de 2007**

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro, e sua companheira Adriana Ancelmo,

Minha companheira Marisa,

Nilcéa,

Secretários de Estado,

Ministros aqui presentes,

Convidados,

Empresários e empresárias,

Senadores,

Meus amigos da imprensa,

Adriana, uma participação na vida política do País começa assim. Normalmente, as pessoas começam dizendo “eu não vou fazer nada, eu não quero fazer nada”, e depois do primeiro discurso, não tem mais fim. O que eu acho importante é todos nós, que estamos aqui, termos consciência de que houve um acúmulo de problemas no Brasil ao longo de tantos e tantos anos e o Estado não tem mais condições de resolvê-los. É importante ter coragem de dizer isso, como presidente da República, na frente de um governador de estado e na frente de tantos prefeitos. O acúmulo causado pela irresponsabilidade de tantos e tantos anos, em que autoridades viraram as costas para os reais problemas deste País, traz à nossa geração de governos a responsabilidade de fazer uma coisa que poderia ter sido feita há 30 anos, 40 anos. Portanto, o estoque de problemas é muito grande e a solução é, normalmente, muito difícil.

Quando a Adriana vem aqui pedir para que os empresários contribuam porque o Estado não tem o dinheiro para fazer, é a mais pura verdade. O Estado não tem dinheiro para fazer porque o Estado também não foi preparado para fazer essas coisas. Todos nós queremos pagar menos impostos e todos

nós queremos melhores serviços, e é incompatível essa dádiva de Deus, de menos impostos e mais serviços, as duas coisas não batem. Quando alguém fala: eu quero transporte bom e de qualidade, barato, não existe. Eu digo isso porque aqui tem muitos prefeitos que, nos discursos, prometeram isso a vida inteira. Tem presidente da República, tem governadores, e na hora dos discursos, de escrever os programas, tudo é mais fácil do que executar.

Entretanto, o que nós assistimos aqui, neste pequeno documentário, é uma realidade que não atinge apenas as camadas mais pobres da população, é uma realidade que perpassa todos os segmentos sociais. Apenas alguns se permitem sair no noticiário porque, normalmente, no meio da classe alta brasileira, isso não chega até a televisão ou não chega até a imprensa. Mas esse problema da violência contra a mulher acontece em todos os segmentos da sociedade. Tem mulher rica apanhando de marido rico, tem mulher de classe média apanhando de marido de classe média e tem pobre apanhando de pobre.

Eu estou dizendo isso para também chegar a um segundo fator importante, Sérgio: a solução definitiva desses problemas vai acontecer no dia em que as mulheres brasileiras tiverem conquistado a sua independência e cidadania. No meio dos pobres, a mulher fica dependente do marido. Às vezes, ela tem dois, três, quatro filhos; às vezes ela não trabalha; às vezes é uma mulher pobre que veio de um outro estado e mora sozinha aqui, no Rio de Janeiro; às vezes trabalha de empregada doméstica. Além da dupla jornada, ainda tem a terceira jornada, que é apanhar do marido. E muitas vezes não se queixa porque não sabe para onde vai, muitas vezes não se queixa porque pensa que o Estado não tem como lhe dar proteção e ela vai apanhar no dia seguinte.

Portanto, a combinação da criação de mecanismos legais que protejam as mulheres e ações como esta, que começa pequena mesmo, Adriana, mas pode ficar certa de que vai crescer e, certamente, nós vamos inaugurar muitos centros como este. Na hora em que as pessoas perceberem que têm um instrumento que dá a elas a garantia de fazer a denúncia que têm que fazer, e na hora em que elas perceberem que o cidadão que agrediu a companheira vai ser preso, que a punição não será ele dar uma cestinha básica para pagar o prejuízo, e ele pegar três anos de cadeia, ele vai perceber que vai ter que ser

mais leve. Ele vai perceber que a mão do homem não foi feita para bater em mulher, e a mulher vai perceber que o rosto dela não foi feito para apanhar de homem. Com a punição, ele vai diminuir os seus ímpetos e ela vai se tornar muito mais independente, com a garantia que nós oferecermos para ela. Daí porque um centro deste é de extrema importância para que as mulheres comecem a sentir que elas têm agora a quem recorrer no momento de desespero.

A terceira coisa que nós precisamos ver, eu dizia para o Sérgio, é que no mundo desenvolvido, certamente, isso tem menos incidência do que no Brasil. Porque tem uma coisa ligada à questão da educação, tem uma coisa ligada à questão da independência econômica da mulher, da educação do homem, do costume da cultura, que foi evoluindo ao longo do tempo, e no Brasil nós ficamos parados.

Eu queria dizer uma coisa para vocês. Logo que terminaram as eleições aqui, ou ainda durante a campanha, o Sérgio se aproximou de mim e me apresentou ao senador Dornelles, que eu conhecia muito mais pela imprensa do que por contato pessoal. O Dornelles é um homem que já teve muitos cargos públicos no Brasil, é parente do Tancredo, é parente do Getúlio, já foi secretário da Fazenda, já foi ministro, já foi secretário da Receita Federal. Eu peguei um depoimento do Dornelles que marca, para mim, a certeza de que todos nós, antes de morrer, temos chance de mudar de comportamento e, de preferência, mudar para melhor. O Dornelles me dizia o seguinte: “Presidente, eu saio desta campanha com a maior lição de vida que eu pude ter como homem público. Porque eu já fui muitas vezes ocupante de cargos públicos importantes, mas eu não tinha dimensão do que é a pobreza nos grandes centros urbanos da cidade do Rio de Janeiro, onde eu moro há tanto tempo”. E foi nessa campanha que ele adentrou pelos grotões desta cidade.

E, de repente, a gente percebe que a poucos metros da beleza da praia de Copacabana, ou a poucos metros da riqueza da avenida Paulista, em São Paulo, ou a poucos metros de qualquer rua mais importante de qualquer estado, de qualquer cidade, ali bem próximo está o mundo cão que todos nós condenamos, está o mundo perverso que todos nós condenamos, e que nós poderíamos ter começado a resolver há 50 anos. Nós não alfabetizamos o Brasil no tempo certo, nós não fizemos a reforma agrária no tempo certo, nós

não criamos os instrumentos legais que dessem sustentabilidade à cidadania das pessoas nos tempos legais, nós fomos o último país do continente a ter uma universidade. Ou seja, nós estamos sempre andando atrás de outros países e atrás da própria história.

Hoje, todos nós estamos convencidos de que a sociedade civil tem que ser cúmplice das boas parcerias que os governos fazem. De manhã, no Encontro das Mulheres, eu disse um dado, dona Lili: 30% das meninas de 15 a 17 anos deste País, que estão fora da escola, são meninas que tiveram filhos. Estão fora da escola porque tiveram filhos, 30% das meninas de 15 anos. Portanto, essas mulheres estão predestinadas a ter uma vida mais sofrida do que as outras.

Ao mesmo tempo, nós temos 2 milhões e 400 mil jovens em idade escolar que já desistiram de estudar. E quando alguém desiste de estudar é porque a pessoa não sente estímulo na escola. Então, não indo à escola, a pessoa pode resultar num homem agressivo, numa mulher que apanha do marido. Resolver isso, meus amigos e minhas amigas, é uma tarefa maior do que o Estado brasileiro, do que o estado do Rio de Janeiro ou do que as cidades individualmente podem resolver.

Somente uma parceria ente os três entes federativos e uma parceria muito forte com a sociedade civil pode permitir que, nós próximos 20 anos, nós acabemos com as mazelas criadas nos últimos 40 ou 50 anos neste País. Neste País, durante muitas e muitas décadas, citar essas coisas que vocês mostraram em documentário aqui, era ser chamado de comunista, as pessoas não aceitavam essa discussão. Você dizer que tinha muito pobre, era ser agredido de comunista, de subversivo.

Graças a Deus, nós conquistamos espaços políticos, a democracia se fortaleceu, a mulher de hoje não é mais submissa como a mulher de ontem. Ela está levantando a cabeça, ela está conquistando o direito, e eu acho que é isso que vai permitir, Adriana, que daqui a pouco a gente tenha 10, 15, 20 ou 30 Centros. Eu também não quero muitos, não, porque eu acho que um dia precisaremos começar a refluir, porque as mulheres não apanharão mais dos maridos e, portanto, não vamos precisar.

Governador e Adriana, eu quero dizer para vocês: naquilo que depender do governo federal, seja através da companheira Nilcéa, seja através do

companheiro Patrus ou através de um ministro que possa fazer essa transversalidade com o governo estadual, nos tenham como parceiros porque, senão, quem vai apanhar sou eu.

Muito obrigado, gente.

Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após visita à Transpetro com o Presidente dos Estados Unidos, George W. Bush

Guarulhos-SP, 09 de março de 2007

Excelentíssimo senhor presidente George Bush, presidente dos Estados Unidos da América,

Senhores integrantes das comitativas norte-americana e brasileira,

Senhoras e senhores jornalistas,

Meus amigos,

Minhas amigas,

É um prazer poder receber o presidente George Bush em São Paulo, a nossa maior metrópole brasileira, uma cidade que simboliza a pujança da nossa economia e o espírito empreendedor da nossa gente.

Vimos ao terminal da Transpetro, aqui em Guarulhos, para celebrar uma parceria verdadeiramente estratégica entre Estados Unidos e Brasil. O Memorando de Entendimento sobre a Cooperação na Área de Biocombustíveis assinado hoje é, sem dúvida, a nossa resposta ao grande desafio energético do século XXI.

O mundo está observando, com muita atenção, o evento de hoje. Estamos lançando uma parceria para o futuro, um empreendimento amplo e renovado que transcende o plano bilateral e cria oportunidades em escala mundial. A parceria que vamos inaugurar é ambiciosa e voltada para todos os aspectos ligados à incorporação definitiva do etanol na matriz energética de nossos países.

Foi com grande satisfação que soube da determinação do presidente Bush de valorizar os biocombustíveis dentro da matriz energética dos Estados Unidos. Esse acordo torna realidade uma idéia que nasceu por ocasião do nosso encontro em Brasília, em 2005, quando o presidente Bush conheceu a história de sucesso brasileira dos biocombustíveis. É importante lembrar que quando o presidente Bush foi a Brasília eu tinha uma obsessão pelos

biocombustíveis, e quase que ele não consegue almoçar de tanto que eu falei de biocombustível. Eu penso que foi importante, porque nem sempre o mundo está preparado e apto para mudanças importantes, se não houver incansáveis debates até as pessoas se convencerem de que o planeta Terra precisa ser despoluído. E está nas nossas mãos, que o poluímos, despoluirmos.

No campo do etanol, temos um programa extremamente bem-sucedido, fruto de mais de 30 anos de muito trabalho e de inovação tecnológica. Estamos fazendo igual aposta com o biodiesel: até 2010, o diesel brasileiro já será, em 5%, extraído de plantas nativas e abundantes no País, como o dendê, o caroço do algodão, o girassol, a mamona, a soja e tantas outras oleaginosas.

Por isso mesmo, nosso programa de biodiesel tem grande impacto social. É voltado para o pequeno agricultor, para a agricultura familiar, ajudará a criar emprego e renda nos lugares mais pobres deste País, sobretudo nas regiões do semi-árido nordestino, onde muitos desses cultivos são nativos.

Hoje, a sociedade toda colhe o fruto desse esforço, e outros países querem compartilhar a experiência brasileira na produção de biocombustíveis. O Memorando é importante passo nessa direção, mas não é apenas uma parceria econômica entre Brasil e Estados Unidos. A estreita associação e cooperação entre os dois líderes da produção de etanol possibilitará a democratização do acesso à energia.

O uso crescente de biocombustíveis será uma contribuição inestimável para a geração de renda, inclusão social e redução da pobreza em muitos países pobres do mundo. Queremos ver as biomassas gerarem desenvolvimento sustentável, sobretudo na América do Sul, na América Central, no Caribe e na África.

O Brasil e os Estados Unidos devem formar alianças com terceiros países para diversificar globalmente a produção de biocombustíveis. Para isso é preciso criar as bases para um mercado mundial de biocombustíveis. Temos uma responsabilidade e um desafio muito especial.

Mas nossa parceria estratégica também está sendo reforçada com a criação do Fórum Internacional de Biocombustíveis, com a participação dos Estados Unidos, Brasil, Índia, China, África do Sul e União Européia. Somente assim teremos a escala de produção necessária para potencializar os benefícios do etanol e do biodiesel.

Tenho sido, como todo mundo sabe – quase de uma forma doentia – defensor das fontes renováveis de combustíveis. Vejo, portanto, com enorme satisfação, uma crescente consciência na comunidade internacional de que é preciso superar a dependência dos combustíveis fósseis. No momento em que somos chamados a agir com urgência para enfrentar o aquecimento global, tudo que fizermos para reduzir as emissões de gases poluentes será um ganho.

Os biocombustíveis oferecem uma alternativa mais limpa e economicamente viável. A tecnologia é nossa grande aliada nessa empreitada. Os ganhos com o emprego dos biocombustíveis no Brasil já se refletem no desenvolvimento de novas tecnologias e na criação de uma matriz energética mais limpa.

Presidente Bush,

Mais do que triplicamos a produtividade da cana-de-açúcar, principal fonte do etanol, e demonstramos ser possível aumentar a produção de biocombustíveis sem prejuízos para a produção de alimentos, ao mesmo tempo em que estamos reduzindo o desmatamento na Amazônia.

A maioria dos carros hoje vendidos no Brasil é *flex fuel*, uma tecnologia que desenvolvemos aqui e que tornou o etanol um combustível seguro e confiável. E estou convocando a indústria brasileira a fazer o mesmo com o biodiesel. Os nossos construtores de ônibus e de caminhões que se preparem, porque nós precisamos avançar na questão do biodiesel.

Eu estou convencido, presidente Bush, de que os Estados Unidos, com sua grande capacidade tecnológica e empresarial, serão um sócio, um parceiro extraordinário nesse empreendimento.

Esta sua vinda ao Brasil no dia de hoje, esta visita que fizemos à Petrobras e a conversa que vamos ter, ainda, na hora do almoço, podem significar, definitivamente, uma aliança estratégica que permita o convencimento ao mundo de mudar a sua matriz energética. Afinal de contas, como eu disse agora há pouco, nós poluímos tanto o Planeta durante o século XX, e temos agora que dar a nossa contribuição para despoluí-lo no século XXI. Afinal de contas, somos responsáveis e queremos que os nossos filhos e que os nossos netos possam viver num mundo menos poluído que o mundo em que estamos vivendo hoje.

Além desse bem à Humanidade que faremos, com a introdução dos biocombustíveis, nós estaremos permitindo que pela primeira vez a gente possa utilizar os combustíveis como uma fonte de distribuição de renda e geração de empregos sem precedentes na história da Humanidade, sobretudo se nós analisarmos o que fazer com os países do continente africano, se nós analisarmos o que fazer com os países mais pobres da América do Sul, se nós analisarmos o que fazer com os países do Caribe e da América Central, onde os Estados Unidos mantêm parceria com todos esses países. Eu penso que essa parceria entre Estados Unidos e Brasil pode significar, definitivamente, a partir do dia de hoje, um novo momento da indústria automobilística no mundo, um novo momento dos combustíveis no mundo e, eu diria, possivelmente um novo momento para a Humanidade.

Por isso, muito obrigado pela sua visita.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse do novo Ministro da Advocacia-Geral da União

Palácio do Planalto, 12 de março de 2007

Hoje não tem discurso nem do Álvaro e nem do Toffoli, porque os discursos serão feitos na hora em que eles forem passar o cargo. A minha palavra é apenas de agradecimento e reconhecimento do papel que joga a Advocacia-Geral da União na nossa querida República Federativa do Brasil. Eu tenho só quatro anos de experiência como Presidente, mas eu não sei quantas vezes, na história, a Advocacia-Geral da União agiu com a seriedade com que agiu nesse período em que o Álvaro foi o nosso advogado-geral da União.

Todo mundo conhece a personalidade do Álvaro, todo mundo conhece os conhecimentos jurídicos do Álvaro, todo mundo conhece a sua ilibada carreira profissional. Quando eu trouxe o Álvaro para trabalhar comigo, eu nem o conhecia. Eu fui apresentado por alguns companheiros, porque não faltam companheiros para apresentar nomes, entre os quais o Márcio Thomaz Bastos, e outros aqui de Brasília que falavam: “olha, é um homem sério, da maior seriedade, o senhor não vai se arrepender se levar o Álvaro para ser o advogado da Advocacia-Geral da União. Às vezes, ele era mais sério e mais duro do que o necessário para a gente lidar com o advogado-geral da União.

Mas, de uns tempos para cá, o Álvaro começou a querer fazer uma outra experiência de vida. Desde o final do ano passado, ele tem ponderado a mim que gostaria de sair, que já tinha encerrado um ciclo, que ele gostaria de viajar um pouco, afinal de contas, já está com 49 anos e precisava percorrer um pouco o Brasil e o mundo. Eu fui relutando, relutando cada vez que ele vinha me comunicar, e falava: vai ficando, vai ficando. Até que ele me disse: “olhe, Presidente, não dá mais, eu preciso tomar uma decisão definitiva”. Então, eu aceitei fazer a troca do Álvaro.

Essas minhas palavras, Álvaro, são de puro agradecimento à lealdade, à seriedade com que você tratou os processos no Supremo Tribunal Federal, às defesas extraordinárias que foram feitas, em nome do governo, de coisas que se nós não fizessemos a defesa, possivelmente a União perderia milhões e

milhões, e por que não dizer, bilhões e bilhões.

Por tudo isso, eu quero te agradecer e dizer que este agradecimento não é uma despedida, porque eu sempre achei que a coisa mais importante que um ser humano carrega da vida, quando termina a sua passagem pela Terra, é a amizade que ele fez. E eu posso te dizer, Álvaro, que nesses quatro anos eu aprendi a respeitá-lo, não apenas como advogado-geral da União – eu acho que todo mundo que lida com a Advocacia-Geral da União tem esse profundo respeito, um respeito que você adquiriu no Supremo Tribunal Federal, um respeito que você adquiriu dentro do governo – mas, sobretudo, além do respeito, a amizade pessoal e a lealdade. Do fundo do coração, meus agradecimentos, e eu espero que nessas suas andanças pelo Brasil, um dia você se lembre de me convidar para tomar um dos vinhos que você diz que gosta tanto de tomar. Todas as vezes que for brindar, lembre-se deste seu amigo aqui, que um dia gostaria de brindar junto. Meus parabéns e que Deus acompanhe essa sua trajetória, eu não sei o que você vai fazer.

E, ao Toffoli, gostaria de dizer para você que, já na campanha de 2002, eu nem bem conhecia o Toffoli, mas eu me lembro dos elogios que o advogado que defendia os erros da minha campanha em 2002 recebia de todos os ministros do Tribunal Superior Eleitoral. Eles me falavam: “você tem um advogado extraordinário”. Eu até pensei que era um homem maduro como o Márcio, da idade do Márcio, para ser tão elogiado. Aí, de repente, eu conheço o Toffoli e, a partir daí, eu comecei a trabalhar com o Toffoli na Casa Civil. Eu não tenho dúvida nenhuma de que o Toffoli dará continuidade ao extraordinário trabalho que o Álvaro começou a fazer na Advocacia-Geral da União.

Eu desejo ao Álvaro uma boa saída, que você faça o que você mais gostar daqui para a frente. Ao Toffoli, quero dizer para você, querido, que vai ter muito problema, tem muita coisa dentro da própria categoria para ser resolvida, e nós sabemos que essas coisas, no fundo, no fundo, são um processo de amadurecimento em todos nós. Mas, eu não tenho dúvida nenhuma de que, como a gente tinha a garantia do Álvaro, a gente vai continuar tendo a garantia do Toffoli, e de todos os membros da Advocacia-Geral da União, em defesa do governo.

Boa sorte e que Deus os abençoe.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de abertura da 15ª edição da Feira Internacional da Construção – Feicon

São Paulo-SP, 13 de março de 2007

Meu caro companheiro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,

Deputados aqui presentes,

Meu caro Demian Fiocca, presidente do BNDES,

Meu caro Secretário de Educação de São Paulo,

Meus amigos e minhas amigas que organizaram mais uma Feicon,

Antes de mais nada, quero parabenizar os organizadores e empresas presentes nesta 15ª FEICON, a Feira Internacional da Construção, o maior evento do gênero na América Latina e o quarto maior do mundo.

Os produtos e lançamentos aqui reunidos reafirmam as dimensões de uma indústria que contribui com 60% do investimento brasileiro; uma indústria que impulsiona oito cadeias produtivas; emprega mais de um milhão e trezentas mil pessoas e deve crescer – já ouvi aqui 9%, 12% –, nos meus números está por volta de 6% este ano – eu prefiro ser pessimista – depois de já ter registrado uma expansão de 4,5% em 2006. Essa pujança do setor, felizmente, não é um fato isolado.

Vivemos um momento singular da vida nacional, com forte união de esperança e desenvolvimento. Qualquer que seja o indicador econômico ou social pelo qual se avalie o Brasil hoje, ele mostrará toda a força de um impulso renovado para crescer.

O Brasil tem uma contribuição relevante a dar para a transição da matriz energética mundial e se apresenta ao mundo com um parceiro verdadeiramente democrático, convictamente alicerçado numa inserção soberana e competitiva na economia internacional. A confiança em nós

mesmos é nossa maior aliada.

No primeiro bimestre deste ano, o investimento produtivo cresceu 25% em relação a 2006. O consumo das famílias se expande há treze trimestres consecutivos no Brasil.

A indústria brasileira cresce a taxas de 4,5% ao ano. Mas o setor de bens de capital avança num ritmo quatro vezes maior, significando que a oferta ainda segue na frente da demanda. A capacidade produtiva lidera a expansão do mercado.

Vamos colher este ano uma safra de 127 milhões de toneladas, 3,5% maior que a obtida em 2005/2006. Isso significa o quê? Significa que o Índice de Preços ao Consumidor continuará baixo, tendo já recuado de 0,69%, em janeiro, para 0,34%, em fevereiro, significando definitivamente que a inflação dificilmente voltará a aparecer nas capas das revistas como se fosse a única desgraça deste País.

Portanto, o que o horizonte nos diz é que vamos ter mais crescimento, com mais consumo e com menos inflação.

Todavia, o que é mais importante é que uma nova compreensão de desenvolvimento se espraia por todos os segmentos da nossa sociedade.

Há muito tempo, minhas amigas e meus amigos, a sociedade brasileira havia perdido a noção do que significa esse engajamento nacional para viabilizar um projeto de desenvolvimento.

Tudo se passava como se a economia tivesse pouco a ouvir da democracia. E a democracia nada tivesse a dizer sobre o crescimento econômico.

A terceirização dos destinos nacionais, festejada como sinônimo de modernidade por alguns, e de garantia de eficiência por outros, afastava os verdadeiros protagonistas da nossa história.

Cristalizou-se entre nós, durante algum tempo, a falsa idéia de que o desenvolvimento é uma conta de chegar que se resolve por si mesma, sem a interferência da vontade política, sem o engajamento da sociedade, nem a contribuição de suas lideranças.

É muito provável que no interior dessa concepção de progresso tenham proliferado os germes da violência e dos desequilíbrios sociais que ora nos afligem e nos desafiam.

Se queremos cidadania plena, temos que construir a sua devida correspondência social, que é a plena inclusão da grande maioria da nossa sociedade. Hoje, o motor que impulsiona o Brasil para este objetivo chama-se Plano de Aceleração do Crescimento, chamado PAC.

E a construção civil é uma das locomotivas desse acerto de contas com a nossa própria história. E não se trata apenas de uma frase de efeito.

Para que a construção civil pudesse exercer esse papel, desde 2003 nivelamos o primeiro terreno. Tomamos mais de uma dezena de decisões políticas e econômicas que agora estão se materializando na multiplicação dos canteiros de obras por todo o território nacional.

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que, no nosso governo, o Brasil passou a ter um Ministério das Cidades. E que foi neste governo, também, que o Congresso aprovou o Fundo e o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social.

Graças a esse projeto de iniciativa popular, que tivemos orgulho de sancionar em junho de 2005, podemos agora investir em moradia para os segmentos mais humildes da nossa sociedade. E recentemente, depois de 15 anos discutindo no Congresso Nacional, depois de ser vetado em 1995, eu sancionei o marco regulatório do saneamento básico, definindo também a política para o setor no nosso País.

Além disso, foi instituído, e vocês estão lembrados da briga, o patrimônio de afetação, que dá maior segurança ao mutuário para adquirir imóvel na planta, bem como facilita o acesso das incorporadoras ao financiamento bancário. Com essa nova regra, cada empreendimento tem sua própria contabilidade. A crise de uma construtora não afetará mais o andamento da obra, nem prejudicará seus compradores.

Demos isenção do Imposto de Renda para a troca de imóveis residenciais. Isentamos do Imposto de Renda os rendimentos obtidos com títulos de crédito imobiliário em poder de pessoas físicas.

Desde o ano passado, assinamos quatro decretos de desoneração para o setor de material de construção. Mais de 40 produtos tiveram alíquotas reduzidas ou zeradas, um pouco mais de 1 bilhão e 100 milhões de reais de desoneração.

Concluimos também o marco legal do Sistema Financeiro Imobiliário,

com a criação da Letra de Crédito Imobiliário e da Cédula de Crédito Imobiliário.

Definimos as regras do Valor Incontroverso, dando maior transparência, rapidez e equilíbrio a decisões judiciais relativas ao financiamento imobiliário. Adicionamos mais segurança ao mutuário e ao mercado.

Alteramos a Lei 4.380, permitindo operações de crédito imobiliário a juros pré-fixados, sem a correção da TR, o que abre a possibilidade de prestações fixas para o comprador da casa própria.

O BNDES destinou também 100 milhões de reais para financiar o investimento das empresas de construção em modernização e inovação tecnológica. Quero lembrar que esse dinheiro foi pouco utilizado, que é preciso utilizá-lo mais.

Componente da Política Nacional de Habitação, o Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat tem sido instrumento eficaz na melhoria da qualidade da habitação e modernização produtiva. Contribui para melhorar a qualidade dos produtos, serviços e obras da construção civil, reduzindo custos, e para otimizar o uso de recursos públicos com soluções mais baratas e de maior durabilidade.

Além disso, a Caixa Econômica Federal, que antes só financiava o comprador do imóvel, agora vai emprestar também 4 bilhões e 500 milhões de reais para as empresas iniciarem novos empreendimentos imobiliários.

Aperfeiçoamos regras de aplicação e empréstimo do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo, favorecendo adicionalmente a expansão do mercado.

Quero lembrar também, a todos os senhores, que o financiamento habitacional cresceu 60% no nosso País, em 2006. Nunca, desde os anos 70, houve tanto dinheiro para habitação. Dinheiro mais barato e prazos mais longos, o que significa dizer que a prestação está, cada vez mais, adequada ao bolso dos nossos queridos compradores e compradoras.

Com os investimentos previstos no PAC, será cada vez mais fácil trocar o aluguel pela casa própria. Vamos investir mais de 170 bilhões e 800 milhões de reais em infra-estrutura social e urbana nos próximos quatro anos.

Só a habitação será a principal beneficiada, com 106 bilhões e 300 milhões de reais. A construção civil, portanto, é a grande aposta do PAC para

acelerar a expansão do crédito na nossa economia.

Hoje o volume de crédito disponível na economia já equivale a mais de 33% do PIB. O financiamento imobiliário participa com 3% desse total. Mas nós precisamos, queremos e devemos, e porque também nós podemos, estamos criando as condições para elevar esse percentual de 3% para 15% do PIB, o equivalente a 300 bilhões de reais ao ano.

Portanto, meus amigos e minhas amigas, não surpreende que o mercado de construção esteja aquecido. E que já represente o sexto principal destino do investimento estrangeiro entre nós.

Só para lembrar, em 2006 o capital estrangeiro investiu 1 bilhão e 300 milhões de dólares no setor. À frente, portanto, de segmentos importantes como o de telecomunicações, que é muito maior, e que recebeu menos investimento do que a construção civil.

Quero lembrar, porém, que não se trata de providenciar apenas a moradia, mas também o saneamento que ela requer, a urbanização que as comunidades necessitam, a coleta de lixo e o acesso à energia elétrica que dão dignidade ao local em que vivemos.

Vocês estão lembrados que “O Globo”, no domingo, publicou uma matéria que mostra que por conta do programa Luz para Todos, 23% das pessoas que foram beneficiadas pelo Programa sairiam do campo se não tivesse luz elétrica chegando ao lugar. Nós queremos chegar até 2008, apagando o último candeeiro deste País porque aí, sim, nós estaremos iguais aos chamados países mais modernos.

Nosso desafio é continuar a avançar, e avançar muito na construção dos fundamentos da vida em sociedade, num país que já reúne a quarta maior taxa de urbanização do Planeta. Por isso, o PAC assumiu o desafio de reduzir a metade do déficit habitacional acumulado nesse processo, e de investir também 40 bilhões de reais em saneamento nos próximos quatro anos.

Sabemos, e os senhores não desconhecem, que não basta entregar as chaves da casa. Um verdadeiro lar não começa nem termina entre quatro paredes. A segurança da rua é sua extensão natural. O saneamento do bairro é condição de saúde da família. A iluminação, o lazer e a escola são o cimento que aglutina uma comunidade e humaniza sua juventude.

Estamos convidando os senhores a se engajarem numa arquitetura de

reconstrução cívica, cuja planta é o PAC. Ele expressa a nossa certeza, que vem desde o primeiro dia do nosso primeiro mandato, de que não se transforma uma sociedade à margem do seu povo, nem se humaniza uma cidade sem cidadania.

Meus queridos companheiros, eu sempre tenho que ler um discurso porque tem uma coisa institucional, mas eu quero falar um pouco com vocês, agora, sobre o que está acontecendo no nosso País.

É bem possível que em cada reunião que nós participemos, sempre aparecerá alguém para falar da taxa de juros, sempre aparecerá alguém para falar da taxa de câmbio, sempre aparecerá alguém para dizer que alguma coisa está faltando. E é importante que seja assim. Não pensem que, da parte do governo, nós ficamos preocupados quando alguém nos cobra alguma coisa, porque são essas cobranças que acendem uma luz amarela, permitindo que a gente nunca esqueça que sempre teremos que dar um passo a mais. Mesmo que já tivéssemos feito uma caminhada inteira, sempre tem um degrau a mais para a gente subir.

E nós queremos continuar com essa relação democrática e civilizada porque durante muito tempo, quando o Brasil era governado por pessoas que achavam, porque tinham sido eleitas presidente da República ou porque tinham sido indicadas para ministro, que a partir dali não precisavam ouvir mais ninguém, que não precisavam consultar mais ninguém, que tudo seria feito apenas pelo instinto dos grandes tecnocratas que nós temos, o Brasil não deu certo.

A construção civil é o retrato fiel de um setor que é um dos pilares do desenvolvimento de qualquer país do mundo. No Brasil, há quase 30 anos, estava totalmente estagnado, sem que houvesse perspectiva de crescimento, sem que houvesse política de crédito específica e sem que tivesse, da parte do governo, a compreensão de que qualquer país do mundo começa a crescer exatamente quando tem um telhado novo porque foi feita uma reforma, ou tem um telhado novo porque foi feita uma coluna ou um alicerce novo.

Nós estamos convencidos de que o PAC é apenas um começo. Quem, da construção civil, tem acompanhado o PAC, sabe que em raros momentos da história deste País um programa foi lançado com a amarração com que foi feito o PAC. O PAC tem começo, meio e fim. Só para vocês terem idéia, eu

tenho feito reuniões com os governadores e tenho discutido os projetos de urbanização de favelas e saneamento. Eu tenho dito para os governadores: nós definimos, junto com o Ministério... O Conselho Gestor define, não é apenas o ministro, o governador ou o prefeito. É um Conselho Gestor que define, junto com o ministro e junto com os governadores quais são os projetos mais importantes da cidade de São Paulo, da cidade do Rio de Janeiro. Dali, nós vamos chamar o governador do estado, vamos chamar os prefeitos das cidades envolvidas e vamos dar um prazo para eles: se até tal data não estiver pronto o projeto-executivo, para que a gente possa licitar e começar a obra, nós iremos transferir o dinheiro para outro projeto, quiçá para outro estado, quiçá para outra cidade. Nós não ficaremos com dinheiro em caixa, esperando, para engordar o superávit primário no final do ano.

O dinheiro está disponibilizado, nós queremos fazer a maior ação democrática e civilizada com os prefeitos. Aqui de São Paulo, um belo dia, o Kassab será convidado, com o prefeito de Osasco, com o prefeito do ABC, com o prefeito de Guarulhos, com o prefeito de Campinas, com o prefeito da Baixada Santista, porque nós vamos atacar, em primeiro lugar, a chamada região metropolitana, que é onde está o grande problema da péssima qualidade de moradia e da necessidade de urbanização. E isso vai ter um protocolo assinado por mim, pelo governador e pelos prefeitos. Vai ser a lei do “pão, pão, queijo, queijo”, todo mundo vai assinar, vai ter compromisso. Se até tal data não cumprir, o dinheiro será deslocado para outro lugar que tenha projeto pronto, porque quando a gente disponibiliza dinheiro, nós queremos gastar cada centavo. Nós estamos cansados de ver, nos últimos 30 anos, ser anunciado dinheiro e, no final do ano, o dinheiro anunciado volta para o Tesouro porque as prefeituras não tinham projetos, porque não estavam preparadas para construir a obra.

Gostaria também de pedir para vocês: é preciso que haja uma afinação entre os empresários para que, quando tenha uma licitação, não fique um empresário entrando na Justiça contra o outro, pedindo liminar. É preciso que vocês coloquem ordem na casa, colocando uma coordenação, para que a gente possa entrar... Eu vou dar um exemplo: nós vamos começar a fazer a BR-101 Nordeste. Nós fizemos nove lotes. Quando fizemos a primeira licitação, começou uma guerra entre as empresas. Sabem o que eu fiz? Eu,

simplesmente, cancelei e dei para o Exército fazer a obra, até que as empresas se acertem e apresentem um preço que seja factível para construir a obra.

O gasoduto Coari-Manaus, dois trechos, licitação normal; terceiro trecho, uma guerra entre as empresas. Eu chamei as empresas e disse: se vocês não me apresentarem um preço compatível com o preço de mercado, eu vou dar para o Exército fazer e vocês vão ficar sem a obra. Graças a Deus, apresentaram um preço que era assimilável pela Petrobras.

Então, eu penso que este Brasil que nós estamos construindo precisa que todos nós, do presidente da República, a um trabalhador – aos dois trabalhadores que falaram aqui – que a gente comece a perceber que nós temos que mudar velhos hábitos, velhos costumes. A Lei da Micro e Pequena Empresa, que vai entrar em funcionamento em junho, certamente vai resolver esse problema da informalização do mercado de trabalho. Ela vai facilitar para que pequenas empresas possam se formalizar e possam permitir que o trabalhador esteja legalmente registrado para prestar o seu serviço.

Eu quero dizer para vocês que saio daqui feliz, porque eu vim aqui colher uma coisa que nós começamos a plantar juntos. Eu sei quantas reuniões nós fizemos, eu sei quantas vezes as pessoas reivindicaram, eu sei quantas vezes o Furlan chegou na reunião pedindo algumas coisas, eu sei de quantas vezes o Márcio Fortes chegou... eu conheço e reconheço os argumentos, às vezes, dos ministros da área econômica, porque toda vez que você tem que tirar 1 real de um lugar, você fica pensando no que vai acontecer no outro lugar. Mas quero dizer para vocês que o difícil já passou. Hoje, eu olho para os 8 milhões e meio de quilômetros quadrados deste País, eu olho para o mundo globalizado que antes assustava o Brasil e posso dizer para vocês, da construção civil deste País: o Brasil vive, eu diria, um momento mágico na sua macroeconomia, nas suas reservas cambiais, no seu superávit de balança comercial, na nossa política de importação. E podem ficar certos: sem decreto, sem lei, sem mágica, os juros vão continuar caindo, o câmbio vai se ajustar sem que apareça ninguém com mania de nervoso, achando que num toque de mágica ele pode encontrar o número mágico que vai valorizar o câmbio, ou o número mágico dos juros, não.

Nós, a vida inteira, defendemos que é preciso garantir. Com a fiscalização do governo, com a participação dos empresários e dos

trabalhadores, o mercado vai se ajustando à nossa realidade, ao invés de nós nos ajustarmos à realidade apenas do mercado.

Mas nós também sabemos que toda vez que alguém tentou inventar uma mágica, neste País, o resultado final foi um desastre para o próprio País. Nós chegamos até onde chegamos porque vocês compreenderam, porque vocês contribuíram, porque os trabalhadores tiveram paciência, porque os trabalhadores acreditaram e porque os homens que compõem o governo sabiam que eu não iria permitir nenhuma invenção milagrosa, porque o milagre é contra nós.

Eu estou convencido e quero dizer para vocês que o Brasil hoje não depende mais de ninguém, o Brasil depende de nós. O Brasil depende das nossas convicções, o Brasil depende das nossas iniciativas e o Brasil depende, agora, de acreditar que há muito tempo a gente não vivia uma situação como a que estamos vivendo hoje. E a construção civil é o espelho disso. Deus queira que cresça 12%, Deus queira que cresça 10%, Deus queira que cresça 9% e Deus queira que cresça até mais. O que é importante é que nós queremos ver muitos telhados novos espalhados pelo território nacional.

Meus parabéns pela Feicon, espero que vocês me apresentem casas de qualidade, mais baratas, o que nem sempre é tão fácil. Eu me lembro de uma discussão que a gente fez no governo, o Furlan está lembrando, em que a gente tentou incluir o azulejo e a lajota nos produtos a serem desonerados, e um companheiro dizia assim: “não, mas lajota é coisa de rico, azulejo é coisa de rico.” E eu me lembrava do Joãozinho Trinta: “quem gosta de miséria é rico, pobre gosta é de luxo.” Ou seja, se o pobre puder colocar azulejo na casa dele, ele vai colocar, se ele puder colocar lajota, ele vai colocar, porque ele sabe o que é melhor para ele.

Meus parabéns, muito obrigado e sorte, no ano de 2007, para todo mundo.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do programa “Espaço e Sociedade”

São José dos Campos-SP, 13 de março de 2007

Meu caro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu querido companheiro Waldir Pires, ministro da Defesa,

Tenente-brigadeiro-do-ar comandante Saito, da Aeronáutica,

Deputado doutor Ubiali,

Meu caro Reginaldo dos Santos, reitor do Instituto Tecnológico da Aeronáutica,

Senhor Eduardo Cury, prefeito de São José dos Campos,

Meu caro Gilberto Câmara, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais,

Meu caro Sérgio Gaudenzi, presidente da Agência Espacial Brasileira,

Tenente-brigadeiro-do-ar Carlos Alberto Rolla, comandante do CTA,

Meus amigos cientistas,

Companheiros e companheiras,

Eu não vou ler o discurso porque é uma cópia fiel do discurso que o Sérgio Rezende leu aqui. Certamente, quem fez o meu fez o dele, ou ele fez o meu e tirou xerox para facilitar a vida dele.

Bem, eu acredito que a minha vontade de falar aqui é para falar um pouco do contraditório da grandeza de um instituto como este. Certamente, o Brasil poderia estar entre as grandes nações do mundo se nós, no momento histórico correto, tivéssemos feito as coisas que precisavam ser feitas no País. Nós não investimos na educação brasileira no tempo certo, fomos o último país sul-americano a ter uma universidade, nós não alfabetizamos o povo brasileiro no tempo certo, nós não fizemos a reforma agrária no tempo certo, e nós não fizemos a distribuição de renda que outros países fizeram, logo após a Segunda Guerra.

Portanto, na medida em que nós não fizemos as lições que outros fizeram, nós somos um país dividido entre gente que participa do Brasil de

ponta, do Brasil tecnológico, do Brasil avançado, como todos vocês participam, e, ao mesmo tempo, nós temos um País em que o estoque de pessoas que ficaram marginalizadas começa a causar preocupação e começa a causar incertezas na sociedade brasileira. O desafio que está colocado para nós, agora, depois de visitar o Inpe e provar que nós somos capazes de fazer isso, e mais que isso, é saber o que vai acontecer com o Brasil no dia 7 de setembro de 2022, quando nós estaremos completando 200 anos de Independência.

Possivelmente nós devêssemos assumir um compromisso, e o governo pode assumir menos compromissos, porque o governo tem mandato com prazo determinado, portanto, eu só posso falar, no máximo, até 2010. Mas era preciso que a sociedade brasileira assumisse alguns compromissos, para que nós não ficássemos transferindo responsabilidade a quem quer que seja. O resultado que nós temos hoje, de coisas extraordinárias que eu tenho visitado no Brasil, é uma conquista de todos nós. Mas, às vezes, as coisas que não dão certo de pronto, nós carimbamos um responsável, tiramos o corpo fora e fica por conta de alguém que nós queremos responsabilizar.

Num evento como este, num instituto como este e, sobretudo, no espaço geográfico do ITA, eu fico me perguntando se não está na hora da nossa consciência assumir um compromisso, com este País, um pouco mais além da nossa própria sobrevivência enquanto seres humanos e enquanto pesquisadores.

O Brasil, durante períodos extraordinários, e nós tivemos momentos excepcionais de crescimento na economia brasileira, como por exemplo, no governo Juscelino Kubitschek, em que a economia brasileira teve um crescimento médio de 7% ao ano, a inflação era de 23% e o salário mínimo não cresceu. No “milagre brasileiro”, de 1968 a 1973, a economia brasileira, em 73, chegou a crescer 14% ao ano, entretanto, o salário mínimo decresceu 3,4%. Ou seja, durante muitas décadas o Brasil não combinou as oportunidades que teve – porque durante 50 anos foi um dos países que mais cresceram no mundo – de aproveitar esse crescimento para permitir que houvesse uma certa igualdade de oportunidades, no conjunto da sociedade.

O resultado de tudo isso é que nós temos um estoque de gente que ficou fora e temos um estoque de pessoas que nós não podemos mais deixar fora disso. Eu vou dar um exemplo para vocês. Hoje nós temos 30% das

meninas, entre 15 e 17 anos, que estão fora da escola, e estão fora da escola porque já têm filhos. Se vocês virem a cara dos jovens que estão presos nos presídios brasileiros vocês vão perceber, pela fisionomia deles, que são jovens que em 1980, ou não tinham nascido, ou eram crianças. Portanto, são resultado de modelos econômicos perversos, que não levaram em conta que a distribuição de renda é condição fundamental para que a gente eleve o padrão e a qualidade das pessoas que moram num país. O que acontece hoje? Nós temos, praticamente, 2 milhões e 400 mil jovens, se você quiser pegar de 15 a 24 anos de idade, que são pessoas que ou não completaram o segundo grau, ou desistiram da escola antes de completar o 2º grau.

Então, nós temos dois desafios. De um lado, criar as condições para que esses jovens voltem à escola, voltem a estudar. E, se o Prefeito de São José dos Campos... porque é uma coisa que não poderemos fazer sem os prefeitos, se eles não mapearem, em cada cidade deste País, os jovens em idade escolar que estão fora da escola, e se não criarmos uma motivação para trazê-los de volta à escola, nós estaremos contribuindo para que o crime organizado seja uma oferta extraordinária para a demanda de tantos jovens deserdados e sem esperança, deserdados pela economia, deserdados pelas políticas sociais.

Eu acho absurdo quando eu vejo na televisão alguém querer discutir a diminuição da maioria penal, achando que é o seguinte: hoje nós punimos com 18, vamos baixar para 17, para 16, para 15, para 14, para 10, para nove. Daqui a pouco, vão punir a idéia de ter um filho. E ninguém pensa como discutir a punição daqueles que, durante séculos, foram responsáveis por essa geração que está deserdada. Além dessa geração deserdada, nós temos a escola, no ensino fundamental, que todas as pesquisas que temos feito demonstram que ela precisa ser aprimorada.

Vocês sabem que no Brasil se fazia uma investigação, na 4ª série e na 8ª série, com apenas 290 mil alunos. Nós, no ano passado, resolvemos fazer em todas as escolas públicas brasileiras, da 8ª e da 4ª séries, e atingimos 2 milhões e 700 mil jovens estudantes, para chegar à conclusão de que numa mesma cidade, talvez aqui em São José dos Campos, a gente tenha uma escola pública de qualidade 8 e tenha, a dois quilômetros de distância, uma escola pública de qualidade 3.

Bem, isso nos leva à seguinte preocupação: se nós levarmos em conta o discurso feito pelo Sérgio Rezende, feito pelo Gilberto; se levarmos em consideração que precisamos aumentar o investimento em pesquisas e na formação de doutores, e criar condições para que o Brasil se defina como um grande exportador de inteligência, de valor agregado e de conhecimento científico, nós precisamos saber também que é preciso arrebanhar essa menina que está estudando e que hoje, pelos números que tem, com poucas perspectivas, se nós não fizermos uma revolução.

Nós estamos agora, com o ministro Fernando Haddad, preparando uma grande discussão sobre educação. Nós queremos apresentar uma grande proposta, são 42 pontos de mudanças, sobretudo na área do ensino fundamental, para ver se a gente volta a dar ao ensino fundamental a qualidade que nós já tivemos.

Os grandes intelectuais brasileiros foram formados em escola pública no ensino fundamental. Hoje as possibilidades são menores porque caiu a qualidade, porque caiu o salário, porque caiu a condição de vida da sociedade. Então, o desafio que está colocado para nós é uma combinação entre o prato e a vontade de comer. Na medida em que nós precisamos continuar investindo em pesquisas, acreditando em nossos cientistas e criando, cada vez mais, condições para eles poderem produzir, nós precisamos criar condições para que aqueles que estão no ensino fundamental venham a ser cientistas tão importantes quanto estes cientistas que nós estamos elogiando hoje.

Se nós não resolvermos esse problema... Possivelmente, por não ter uma grande quantidade de anos de escolaridade, eu nem sempre tenho razão no que falo. Mas o dado concreto é que eu não consigo conceber a idéia de uma criança entrar na escola hoje e só ser avaliada depois de quatro anos, sem que ninguém investigue se essa criança está aprendendo a cada mês. É preciso ter um critério de avaliação. Se eu sou um professor, entro na sala de aula e dou uma aula hoje, outra amanhã, outra segunda, outra sexta, um mês, um ano, quatro anos, em algum momento eu tenho que perguntar: espera aí, será que essa criança está aprendendo o que eu estou ensinando? Se eu ensino uma vez e a pessoa não aprende, se eu ensino duas vezes e ela não aprende, na terceira, se ela não aprender, sou eu que preciso aprender, não é mais a criança.

Nós também estamos com um trabalho, com a Universidade Aberta, para tentar reciclar todos os professores brasileiros, porque é preciso que a gente atualize, que dê oportunidades de eles fazerem também a sua formação universitária, para que a gente possa, quem sabe, não ter apenas um instituto como este, mas ter algumas dezenas de institutos como este. Se apenas com um nós já somos tão importantes no mundo, imagine com três, imagine com quatro, imagine com cinco?

Nós temos um outro problema no Brasil, que eu acho que nós temos que superar neste segundo mandato. Nós começamos o segundo mandato superando a idéia do crescimento econômico. O PAC é o mais importante projeto de desenvolvimento já feito neste País. Não tenho medo de dizer que é o mais importante, com cabeça, tronco e membro. Nós sabemos o que queremos, quando começar, quanto investir em cada área, e isso vai ter que ser feito para a educação, do mesmo jeito.

Qual é o problema que nós temos no Brasil? Eu vi aí, na porta do Instituto, algumas pessoas dizendo: “Presidente, não esqueça a nossa reivindicação, não esqueça o nosso salário”. Esse é um dado sério do Brasil, porque durante algum tempo, durante muito tempo, na verdade... Um cientista brasileiro, um alto funcionário de muita competência de um instituto de pesquisa ou do governo ganha 7, 8 mil reais por mês e é considerado marajá. Esse mesmo cidadão sai de onde ele está, ganhando 7 mil reais por mês, e vai ganhar 70 lá fora. Aí “não, é por causa de qualificação profissional”. No setor público, ele é marajá, no outro, é por competência.

Se nós não enfrentarmos essas coisas e não adquirirmos consciência de que as pessoas que sabem muito e que podem contribuir muito precisam ganhar de acordo com a sua capacidade, e que a gente não... Ou porque ganham fora, isso é que nem jogador de bola. Eu gostaria que todo jogador estivesse no Corinthians, mas como o Corinthians paga pouco, todos vão embora para o Milan (não tem nenhum do Corinthians no Milan). Mas, de qualquer forma, qual é o sonho de todo ser humano? É progredir na vida. Progredir intelectualmente, progredir socialmente, progredir financeiramente, esse é o sonho de todo mundo.

Nós, então, precisamos criar essas condições. Não é apenas fazer um investimento em pesquisa, é fazer um investimento em pesquisa e garantir que

os nossos pesquisadores possam, aqui dentro, trabalhar e, pelo seu trabalho, serem reconhecidos, porque se não for assim, o Barcelona é capaz de contratar alguns, ou sei lá quem vai contratar.

Eu estou convencido de que nós precisamos fazer uma revolução conceitual na questão da educação brasileira, porque nós já temos o século XX para saber o que nós fizemos de certo e de errado, estamos começando o século XXI, temos apenas sete anos do século XXI. Eu penso que está na hora de a gente fazer uma reversão nessa discussão, que não é uma discussão do governo. Eu disse para o Fernando Haddad nesta semana: a discussão sobre educação não vai ser do governo. O governo pode fazer um esboço, mas nós temos que envolver a sociedade para que a gente forme uma cumplicidade nacional para uma nova metodologia de ensino neste País, em que a gente possa garantir a oportunidade de a criança não ir para a escola, no ensino fundamental, atrás de uma merenda escolar, mas ir porque a escola é uma coisa prazerosa e, na escola, ela tem o interesse de aprender.

Aí vem a minha inquietação: por que o jovem de 17 anos não quer ir à escola? Será que é porque ele é ruim? Será que ele nasceu, como dizem alguns, com o sangue diferente? Ou será que a escola não é motivadora para ele? Esse é o desafio que os pesquisadores da educação vão ter que descobrir, porque ou nós fazemos essa pequena revolução que está ao nosso alcance, ou nós vamos ter que competir, cada vez mais, com um exército imenso de jovens angustiados, cheios de esperanças que, sem oportunidades, se entregarão à primeira facilidade que se colocar à sua frente.

Esse desafio, meu caro Sérgio Rezende, não é um desafio de um presidente da República, não é um desafio de um ministro, não é um desafio de um comandante da Aeronáutica, do Presidente do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial. Esse é um desafio da sociedade para uma futura geração. Nós temos o compromisso de não permitir que continuem se acumulando os erros cometidos nesses últimos 30 anos, porque esses jovens que estão aí são o resultado do descaso das últimas três décadas. Eu, pelo menos, quero dar a contribuição para que daqui a 10 anos alguém possa, nesta tribuna, fazer o reconhecimento de que, a partir de um determinado momento, o Brasil resolveu parar e cuidar dos seus, porque senão nós não seremos o país de Primeiro Mundo que todo mundo quer ser.

Meus parabéns, e eu espero estar junto com vocês até 2009, até para ir à China, quem sabe, lançar o foguete. Um abraço.

Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da reunião com educadores

Palácio do Planalto, 15 de março de 2007

Primeiro, quero explicar para vocês o motivo de nós estarmos convocando esta reunião. Eu estou hoje mais convencido do que nunca de que nós temos uma dívida enorme com o povo brasileiro na área da educação, temos compromissos extraordinários, também, na área da educação. Pelas vias normais e tradicionais, eu penso que o Estado brasileiro não dará conta de resolver o problema do estoque de gente que ficou à margem do processo educacional deste País. Então, é preciso criar alguma coisa nova, é preciso pensar alguma coisa nova.

Obviamente que se a gente for na Câmara dos Deputados, se a gente for pegar tudo que está escrito sobre educação, possivelmente muita gente tenha escrito coisas muito importantes sobre educação. Ao longo da história, muitos educadores acharam que a sua forma era a forma mais correta de educar este País. Em alguns momentos, outros entenderam que a sua forma era a forma mais eficaz para alfabetizar o País.

O dado concreto é que nós entramos no século XXI, estamos tentando fazer muita coisa, mas ainda temos praticamente tudo a resolver no que diz respeito à educação.

E essa conversa com vocês é para torná-los cúmplices de uma política que não pode ser uma política de governo, tem que ser uma política da sociedade brasileira.

Nós fizemos uma pesquisa, através do Núcleo Estratégico do governo, e nessa pesquisa só tem uma coisa que é unanimidade, só tem um item que é unanimidade na pesquisa que nós fizemos pela internet com todos os segmentos da sociedade. Qual é a unanimidade? Todo mundo defende uma educação de qualidade. É unanimidade. Aí, quando você faz a pergunta, se as pessoas acreditam que é possível o Estado brasileiro fazer isso, as pessoas não acreditam.

Então, nós estamos diante de um desafio que eu não sei se apenas as

boas teorias resolveriam, ou se é preciso juntar todas as teorias existentes, todas as boas vontades existentes e todo mundo da sociedade que quer participar, para ver se nós damos à sociedade essa resposta. Se ela tem na sua cabeça que a prioridade número um do Brasil é qualificarmos, do ponto de vista educacional, todo o povo brasileiro com uma educação de boa qualidade e ao mesmo tempo ela não acredita, significa que a experiência acumulada mostra que o Estado brasileiro, ao longo das últimas décadas, não deu resposta para isso. Nós já tivemos educação de qualidade no Brasil quando a gente tinha educação para pouca gente. Na medida em que a gente universaliza a educação... nós universalizamos, mas junto com a universalização não houve um acompanhamento da melhoria da qualidade da educação.

Então, nós estamos no pior dos mundos, ou seja, nós estamos vendo crianças ficarem quatro ou cinco anos na escola e a gente faz um teste apenas na 4ª série. Isso significa que nós passamos quatro anos sem saber como essas crianças estão aprendendo, e sem saber se os educadores, dentro da sala de aula, estão educando corretamente. Tem uma máxima que é a pura verdade: se um professor, um político ou qualquer um de nós fala uma coisa para alguém e essa pessoa não entende, essa pessoa não é inteligente o suficiente para entender; se a gente fala pela segunda vez e ela continua a não entender, essa pessoa ainda não é inteligente; mas se a gente falar pela terceira vez e a pessoa não entender, é preciso cuidar de quem está falando, e não de quem está ouvindo.

Então, nós temos uma situação extremamente delicada. Os testes feitos pelo Ministério da Educação, a chamada Prova Brasil, que antes era feita por amostragem apenas para 290 mil alunos nas escolas brasileiras, nós aumentamos para 3 milhões e 300 mil alunos, ou seja, nós deixamos a amostragem de lado e resolvemos fazer com todos os alunos da 4ª e da 8ª séries, em todo o território nacional. Veja, o resultado não é animador, e a minha discussão com o ministro Fernando Haddad – já era com o Tarso Genro – é que nós não temos como esperar quatro anos para fazer uma prova. Ou nós medimos essas crianças mensalmente, quinzenalmente, semanalmente, diariamente, ou não tem jeito. Você fica com uma criança quatro anos na sala

de aula para saber, quatro anos depois, com uma prova, se ela está aprendendo, é uma coisa um pouco difícil de entender.

Esse é um problema em que nós vamos ter que nos debruçar, e eu quero que vocês se debrucem sobre isso porque talvez, de todos aqui, eu seja o menos qualificado para discutir educação. Eu, aqui, estou apenas representando uma demanda de que eu sinto necessidade, mas quem dará a resposta, certamente, serão vocês e não eu. Então, esse é um problema: o ensino fundamental. Se nós não melhorarmos a qualidade do ensino fundamental neste País, e, muitas vezes, nós somos descrentes... Nós temos o sucesso extraordinário da Olimpíada da Matemática, em que se inscreveram 14 milhões de jovens, que participaram, e os resultados saíram nesta semana... Estou brigando para que a gente faça a Olimpíada de Português, porque nas provas de Português que a gente faz, é um negócio de muito pouco aprendido nas escolas, acho que as crianças não têm o hábito de ler, acho que os professores não têm o hábito de ler. Então, é preciso que a gente repense isso.

E, depois, nós temos uma coisa mais séria: nós temos as crianças de hoje, do ensino fundamental, que nós podemos cuidar; nós temos uma parte dos nossos adolescentes que estão cursando o ensino médio e, portanto, pretendem chegar à universidade; mas nós temos um estoque acumulado de milhões de jovens que já saíram da escola, que atingiram 15, 16, 17, 18 ou 19 anos de idade, e essas crianças estão saindo da escola. Esses jovens estão no pior dos mundos, porque estão, de um lado, fora da escola... certamente, estão fora da escola porque a escola não foi motivadora para eles continuarem. As pessoas, hoje, só fazem e só vão quando gostam, ou seja, se a escola não for uma coisa que desperte neles uma coisa prazerosa, eles não vão.

Depois, ele está nas ruas sem possibilidade de emprego, e a solução que se apresenta é, de um lado, o crime organizado disputando com as famílias quem vai tutelar aquele jovem que não tem escola e não tem estudo, e são milhões de adolescentes. E aí, quando acontecem as exceções, que levam os jovens a cometer barbaridades, a primeira atitude é alguém pedir: “vamos diminuir a maioria penal, porque assim nós resolvemos o problema dos jovens. O problema dos jovens é aumentar o tempo deles na cadeia, ou fazer com que eles entrem na cadeia mais cedo”. Na verdade, os estados brasileiros,

os municípios brasileiros e a União têm uma dívida e têm uma responsabilidade por esse jovem ter chegado a essa situação. Então, ao invés de assumirmos a responsabilidade e tentarmos encontrar uma solução, vamos puni-los? Essas coisas que acontecem, esses crimes não são regras, são exceções. A maioria são jovens pobres, de famílias pobres que querem acertar na vida. E qual é a oportunidade que nós estamos oferecendo?

Nós criamos o ProUni, que já foi um alento extraordinário para quase 270 mil jovens. Temos outras propostas. Eu sonho com o dia em que as universidades federais, todas, tenham cursos à noite para jovens pobres, sobretudo para o pessoal da escola pública. Eu sonho com o dia em que a gente aumente o número de alunos por aula, nas universidades federais. Nós vamos cumprir com a nossa meta de levar uma extensão universitária para cada cidade-pólo, uma escola técnica, em uma combinação que vai ser discutida com vocês, aqui. Mas nós não podemos mais ficar parados com esse assunto, não dá mais para ficarmos parados.

Eu estou convencido de que tão grave quanto os problemas sociais que nós temos hoje com esses jovens, nós temos um problema de desagregação da estrutura da sociedade, a partir da família e a partir da falta de perspectiva. Se nós não dermos resposta a essa falta de perspectiva que toma conta da cabeça de um adolescente com 15, 16, 17, 18, 20, 24 anos, nós não encontraremos a resposta para resolver outro problema da sociedade, que é o problema da violência.

Quando fizemos o PAC, nós determinamos prioridade em obras de infraestrutura, urbanização de favelas, palafitas e saneamento básico nas regiões metropolitanas brasileiras, que é onde está o grande problema deste País. Praticamente, 90% do PAC será atacar os problemas cruciais das regiões metropolitanas, a partir da pior coisa para a menos pior, ou seja, começando a atacar, nos grandes centros urbanos, as palafitas, as favelas, tentando urbanizar e dar condições de vida para isso.

Quando criamos o ProUni nós pensamos também em atacar as crianças das escolas públicas, os adolescentes das escolas públicas. Quando nós criamos o Soldado Cidadão, nós dissemos para as Forças Armadas que eram 50 mil jovens que a gente estava recrutando, de preferência jovens dos grandes centros urbanos, para dar a eles uma formação profissional e uma

disciplina. Esses jovens, já é o segundo ano em que a gente forma jovens altamente preparados, com disciplina, que aprenderam a lidar com armas, que aprenderam a atirar e estão na rua. Se não tiver a possibilidade do emprego e se a sociedade brasileira e o Estado não oferecerem uma resposta, certamente, o crime organizado oferecerá.

Eu estou convencido, meu querido Fernando Haddad, que esse não é mais um problema do Estado, esse é um problema da sociedade, porque ao longo de dezenas de anos se deixou que um estoque imenso de jovens ficassem sem expectativa de vida. É só a gente olhar as imagens quando mostram as cadeias e mostram os presos que cometeram crimes, que a gente vai ver: são todos filhos da década de 80 para cá. São o resultado de um milagre brasileiro que não distribuiu renda, são o resultado de políticas concentracionistas, são o resultado de uma política elitista que não pensava em educação de qualidade para todos e, sim, para aqueles que tinham o direito de estudar, que pertencem a uma casta neste País.

Agora, o desafio está colocado para nós. Se não fôssemos nós aqui, estaria colocado para outros. Então, eu falei para o Fernando Haddad: Fernando, ao invés de a gente fazer um projeto do governo, você juntar os seus técnicos... Na teoria tudo é fácil. O Djavan é quem fala que na teoria é fantástico, porque na teoria o dia tem 24 horas mas, na prática, ele tem manhã, tarde e noite, e ainda tem a madrugada para os boêmios.

Nós estamos diante de uma combinação que vai ter que ser uma síntese da capacidade intelectual e da capacidade prática da sociedade brasileira de apresentar uma resposta. Nós não estamos começando do zero porque muita coisa já foi feita ao longo dos anos, mas nós temos um estoque que deve ultrapassar 3 milhões de jovens neste País, e nós precisamos resgatá-los para a educação e para o trabalho, e sobretudo, resgatá-los para a cidadania.

Quem tem participado, ultimamente, do programa ProUni, quem tem participado das inaugurações das extensões universitárias e das escolas técnicas, a UNE e a UBES têm participado... A alegria do jovem por ter uma oportunidade, a alegria do jovem de falar: “eu jamais imaginei”... Eu encontro muita gente por aí que me abraça chorando, agradecendo por uma vaga numa universidade, por conta do ProUni.

O desafio que está colocado para nós é esse: como resolver o problema

da educação. Eu falei para o Fernando: não vete ninguém, convoque todos os ex-ministros da Educação deste País. Foi convocado o Paulo Renato, foi convocado o Cristovam, foi convocado o Murilo Hingel, foram convocados os que nós sabemos que estão aí na praça, ainda trabalhando, nós os chamamos. E também chamamos todos os educadores que nós podíamos chamar, independentemente da posição da pessoa. Nós não queremos saber de que partido é, de que igreja é, para que time torce, que escola de carnaval defende. Nós não queremos saber. Nós queremos saber se tem uma contribuição para dar para a educação brasileira, porque nós estamos, depois do PAC... não posso chamar de PAC, mas nós queremos apresentar uma grande reforma para a educação brasileira. Não sei se a palavra é “grande reforma”, não sei, mas nós queremos fazer alguma coisa a mais do que está sendo pensado, e queremos fazer isso com a cumplicidade da sociedade brasileira porque na hora em que nós apresentarmos as medidas nós não queremos que as medidas sejam do governo, nós queremos que sejam medidas feitas pela sociedade brasileira.

E depois tem o problema da alfabetização, que é um dilema, tem divergências. Eu sei quanto pensamentos sobre alfabetização tem no Brasil, tem muitos papas da alfabetização e todo mundo acha que tem a solução. Uns falam que com 30 dias está alfabetizando, outros falam que com 15, outros falam que com 10, outros falam que com 3, com 4, ou seja, tem alfabetização para tudo quanto é gosto. O dado concreto é que também temos um exército de pessoas analfabetas neste País, e nós queremos resolver. Tem teoria que diz: “não cuide das pessoas mais idosas, esses não precisam mais, vamos cuidar só dos jovens”. Como se uma pessoa de 90 anos, como eu vi no Rio de Janeiro, não tivesse o direito de se alfabetizar. Nós temos que cuidar de todos. Obviamente, dando uma prioridade, para não permitir que nasçam mais pessoas com propensão a ser analfabetas. Esse é um desafio que no final do ano eu cobre do Fernando. Eu falei: Fernando, não estou satisfeito com a nossa política de alfabetização, é preciso que a gente faça muito mais para que a gente resolva esse problema. E alfabetizar as pessoas, não é daquela forma, em que a pessoa aprende apenas a desenhar o nome para a época da eleição. Já é bom, mas não é isso. É preciso alfabetizar a pessoa para que, no processo de alfabetização, ela aprenda o suficiente para ter vontade de

continuar a estudar, que não termine apenas com o desenhar do nome, mas que continue até ter propensão a fazer um curso um pouco mais avançado.

As minhas inquietações são muitas. Eu vim aqui apenas para dizer a vocês das minhas inquietações. Não tenho solução. As soluções que eu tenho, possivelmente, algumas são válidas e outras não. Mas o que eu sei, concretamente, é que nós estamos em dívida com a educação. O Brasil está em dívida com a educação, os estados estão em dívida com a educação. Eu fico me perguntando, de vez em quando, o seguinte: por que em uma mesma cidade – e essa Prova Brasil mostra – uma escola pública tem nível 8 e outra tem nível 2? O que acontece, no mesmo espaço geográfico de uma cidade, onde os professores, certamente, ganham o mesmo salário, onde a orientação do Ministério da Educação é a mesma, e a do estado é a mesma? Por que em uma escola um aluno está bem, a classe está bem, a escola toda está bem, e em outra não está? Nós precisamos diagnosticar isso, sem culpar ninguém.

A idéia básica não é a gente encontrar culpados. A idéia básica é a gente encontrar a solução. O que eu não quero é que a gente permita que cresça, no Brasil, a idéia de que a única solução para esses jovens é puni-los. É isso que eu não quero que cresça no Brasil. Na hora em que a gente apresentar para esses jovens uma luz, uma oportunidade... Nós começamos com o ProJovem, com a Escola de Fábrica, com o Soldado Cidadão, com o Consórcio da Juventude... Ao todo, Walfrido, são quase 720 mil jovens, e nós estamos pagando uma certa taxa, que varia de 100 a 150 reais, para eles voltarem para a escola. Mas hoje eu estou convencido de que é a combinação do estudo com a combinação da possibilidade de emprego. Estou convencido disso. E aí, é preciso que a gente não só cuide da educação formal, mas cuide, também, da formação profissional dessa juventude.

Essas eram as minhas inquietações. Eram, não, são as minhas inquietações, que eu quero partilhar com vocês. Eu não posso ficar aqui, porque tenho uma reunião com os líderes dos partidos agora, estamos fechando algumas coisas. Mas, eu queria que vocês debatessem. Eu quero dizer para o Fernando que, embora nós tenhamos pressa de apresentar propostas para a educação, nós queremos ouvir todas as pessoas que tiverem alguma coisa para falar sobre educação.

Eu acho que essa é a vantagem de ter um segundo mandato: a gente

não tem a pressa que teve no primeiro, a gente pode fazer as coisas com muito mais cuidado, com muito mais ousadia e a gente pode fazer mais do que fez no primeiro mandato. Agora, para que a gente possa fazer isso, nós vamos precisar de um debate muito sério na sociedade. Da nossa parte, não se preocupem, nós estaremos dispostos a fazer quantos debates forem necessários, ouvir quantas pessoas forem necessárias, para que a gente possa apresentar uma resposta que seja satisfatória a médio – a longo prazo não dá para ser – tem que ser a médio prazo, a curto e a médio prazo.

Era, um pouco, isso que eu queria dizer para vocês. Espero, mais uma vez, a colaboração da Une, da Ubes, espero a colaboração de todos os educadores, dos reitores, dos ex-ministros, dos empresários da educação, do empresário da educação bem-sucedido que está aqui. E é isso. Nós não queremos ser os donos da verdade. No Brasil, habitualmente, acontece isso: o ministro da Educação acha que ele sabe tudo, que ele pode tudo, que ele faz um projeto e a sociedade tem que engolir. Isso acabou. O Ministro não sabe tudo, ele pode até ser muito inteligente mas, certamente, tem gente que sabe coisas que ele não sabe. É por isso que Deus nos fez com duas orelhas e uma só boca: para a gente falar menos e ouvir mais.

Obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse dos novos ministros da Justiça, Saúde e Integração Nacional

Palácio do Planalto, 16 de março de 2007

Excelentíssimo vice-presidente da República, José Alencar,
Excelentíssimo presidente do Senado, senador Renan Calheiros,
Excelentíssimo presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia
– pronúncia correta?

Meu caro companheiro Márcio Thomaz Bastos,

Meu caro companheiro Tarso Genro,

Meu caro companheiro José Gomes Temporão,

Meu caro companheiro Agenor Álvares da Silva,

Meu caro Geddel Vieira Lima,

Meu caro Pedro Brito do Nascimento,

Senhores governadores Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro; Alcides Rodrigues Filho, de Goiás; Wellington Dias, do Piauí. Eu fiquei sabendo que o Jaques Wagner estava aqui, mas não está aqui. Ele faz aniversário hoje, deve estar comemorando o aniversário dele.

Meus companheiros e companheiras ministros e ministras,

Senadores,

Deputados,

Servidores e servidoras do Ministério da Justiça, da Saúde e da Integração,

Jornalistas,

Meus companheiros e companheiras,

Vocês sabem que nessa tomada de posse, aqui dentro do Palácio, os ministros não falam, porque eles vão falar na hora da transmissão, da posse no Ministério deles.

Eu queria dizer para vocês que este é sempre um momento de dupla, eu diria, face, para um presidente da República. Você está tirando um

companheiro e está colocando outro companheiro. Triste pelos que saem, alegre pelos que entram.

O que está acontecendo neste momento, na história do nosso querido País, não é apenas a troca de um homem por outro homem, de uma mulher por outra mulher ou de um partido por outro partido. O que nós estamos consagrando, a cada ministro que eu nomeio, é um novo jeito e uma nova forma de fazer política no nosso País. Aliás, eu penso que é um momento de aprendizado para todos nós, que é a construção de uma política de coalizão que envolve partidos políticos, que envolve governadores, que envolve prefeitos e que envolve a experiência acumulada de cada um de nós em todos esses anos que fazemos política. Eu, pelo menos há 30 anos, da vida sindical à Presidência da República, e vocês, alguns de primeiro mandato, e outros já de muitos e muitos mandatos.

Não posso falar bem dos que estão entrando, porque eu preciso saber do trabalho deles primeiro, mas eu posso falar dos que estão saindo. Eu queria começar pelo Márcio Thomaz Bastos. Muita gente imaginava, ao longo da história, que o Márcio Thomaz Bastos era do PT. Muitas vezes, o Márcio discutia comigo se deveria entrar ou não no PT, e eu dizia: Márcio, um advogado que atingiu a qualidade e a grandeza que você atingiu, não é prudente você estar filiado a um partido político. Até porque o advogado nunca é advogado de pessoas que não cometeram nenhuma falha, ou seja, os advogados normalmente são chamados para defender grandes causas. No caso do Márcio, as maiores que aconteceram no País. E o Márcio, portanto, não é um companheiro do PT.

Um dia, um jornalista perguntou para o Márcio se ele cobrava muito caro o serviço dele. Ele falou: “olha, eu cobro caro. Agora, a única pessoa para quem eu advogo de graça é para o Lula”. Isso no tempo em que eu era apenas dirigente sindical. E o Márcio veio ser ministro da Justiça. Eu penso que nessas coisas a história é que vai se encarregar de fazer a avaliação do trabalho de cada um de nós. Muitas vezes, a avaliação é feita ainda quando a gente está na função, outras vezes a avaliação é feita depois que a gente deixa a função e, muitas vezes, ela é feita quando a gente nem existe mais. Minha mãe me dizia: “meu filho, você só vai dar valor às coisas quando você não tiver mais as coisas a que você não dá valor enquanto elas existem”.

Eu acho que todos nós que militamos na política sabemos o que representou a presença de uma cabeça equilibrada como a do Márcio no Ministério da Justiça. Primeiro, a sua capacidade de dialogar com todos os segmentos da sociedade. Vira e mexe tinha alguém acusando o governo na tribuna do Congresso Nacional, e vira e mexe a pessoa descia da tribuna e telefonava para o Márcio: “eu precisava conversar com o senhor, Ministro”, porque sabia que o Márcio tinha isenção suficiente, apesar de ser ministro do governo, para tratar determinados assuntos que poucas pessoas têm condições de tratar, pela alta qualificação profissional que atingiram durante a sua vida.

Todo mundo sabe que o Márcio está saindo porque ele cansou. Não cansou da vida, cansou de ser ministro. Ele está naquela idade, jovem, que ele acha que ir para o Guarujá, na praia, dois dias por semana, é melhor do que vir para a Esplanada dos Ministérios. E eu acho que é merecido. O Márcio é daquelas pessoas que eu venho empurrando há uns seis meses. Todas as vezes que ele entrava na minha sala: “Presidente, eu precisava sair”. Eu falava: amanhã, depois de amanhã. Tem outros assim, mas vou levando.

Então, meu querido Márcio, eu quero, não eu, eu acho que os partidos políticos, os deputados, os senadores, mas eu acho que o Brasil é grato por um dia você ter aceito ser Ministro da Justiça deste País. E, certamente, vai continuar sendo meu advogado, porque quem já foi presidente, governador, prefeito, sabe que os processos contra a gente aparecem quando a gente não tem mais o mandato. Então, prepare uma mesa, um bloco de papel, que eu vou precisar de advogado, gratuito ainda, sem cobrar. Márcio, muito obrigado, querido, muito obrigado mesmo.

O Tarso Genro é um companheiro que vocês conhecem. Eu vou deixar para falar do Tarso Genro depois da posse dele. Mas, Tarso, toda a sorte do mundo, meu querido, o jogo é duro.

Bem, o outro nome que eu estou indicando e que nomeio agora, o companheiro Geddel Vieira Lima, é o exemplo mais forte dessa coalizão e a demonstração inequívoca de que quando falamos em coalizão, falamos para valer, porque se a gente fosse analisar apenas o que as pessoas fizeram ontem, sem pensar no que as pessoas vão fazer amanhã, a gente não teria acordo em muitas das coisas que a gente faz com os partidos. E a felicidade de

alguém que exerce um segundo mandato, é que eu não tenho tempo de pensar em ontem. Eu estou com a minha cabeça preparada para pensar no amanhã, depois de amanhã, no mês seguinte, porque o Brasil não pode esperar.

E essa vinda do Geddel é, eu diria, a consolidação – junto com os outros ministros que já tem o PMDB e mais outro que vai entrar – de uma coalizão política da qual fazem parte muitos partidos políticos, mas o PMDB, que é o maior partido dentro do Congresso Nacional, tem uma importância muito grande.

Eu estou substituindo o companheiro Pedro Brito. Eu não conhecia o Brito. O Brito, acho que era secretário-executivo do ministro Ciro Gomes, e quando o Ciro saiu para ser candidato a deputado, eu tinha conhecido o Brito em um debate sobre a questão da revitalização do rio São Francisco, e eu falei: o Brito vai ficar no Ministério até passarem as eleições. E eu acho que o companheiro Pedro Brito é daquelas figuras técnicas deste País, de que o Estado não pode prescindir. Eu penso que o Brito é daquelas figuras que, quem o conhecer e quem souber do trabalho que ele é capaz de fazer, sabe o quanto o Estado brasileiro tem gente qualificada para exercer múltiplas funções. Portanto, o Pedro Brito que se prepare, não pense que vai ter muita moleza, não, porque vai ter tarefa neste País que não acaba mais. Mas, muito, muito obrigado, Brito, porque você deixa para o seu substituto um legado extraordinário, que foi a construção de toda a política hídrica que está incluída no PAC. Se nós conseguirmos fazer tudo aquilo que nós colocamos no PAC, eu acho que o sertão vai virar mar, sem o mar precisar virar sertão. Portanto, meus parabéns Brito, muito obrigado.

Quando eu ouvi falar no Temporão, eu li duas vezes o nome e eu falei: Temporão ou Temporal? Porque se fosse Temporal, eu teria dúvida se eu fosse convidá-lo para ser ministro da Saúde. O Saraiva, quando deixou o Ministério, eu indiquei o Agenor, que era o seu secretário-executivo, companheiro da mais alta qualificação técnica, companheiro, como todo bom mineiro, cauteloso, criterioso, tranqüilo nas suas tomadas de decisão. E eu sou profundamente grato ao um ano e pouco que o nosso companheiro Agenor ficou no Ministério da Saúde. Ontem, eu já ouvi pessoas dizerem: “mas eu gostava tanto do Agenor.” Eu falei: é assim mesmo, quando as pessoas estão saindo vocês vão descobrindo que vocês deviam gostar durante o tempo

inteiro. Esse é um problema, um País que tem a quantidade de quadros que tem é como um time de futebol no tempo do Botafogo de Garrincha, de Didi; do Santos de Durval, Mengálvio; do Flamengo de Zico, Nunes, não sei quem, ou seja, aqui você tira um bom e tem outro bom para entrar, você não piora a qualidade do time, às vezes você aperfeiçoa a qualidade do time, na mudança apenas da tática que o técnico tem que fazer.

Eu sou grato, mas grato de coração, ao nosso querido companheiro Agenor. E quero dizer Agenor, que um técnico como você, esteja onde estiver, certamente estará contribuindo com a Saúde, contribuindo com o Brasil, porque é essa a função que o destino entregou a você. Gracias, meu querido, e boa sorte.

E o companheiro Temporão, eu também não vou falar bem dele, apenas dizer para vocês que tem... É engraçado, não são muitas as pessoas que conseguem se transformar em unanimidade. Eu acho que o companheiro Temporão, eu não diria que é unanimidade, mas é quase unanimidade na área da Saúde. Todos os ministros que passaram pela Saúde sempre falavam: “o Temporão é um quadro excepcional, o Temporão é um quadro extraordinário, o Temporão é isso.” E não é só o pessoal da rede pública, não, é o pessoal dos hospitais particulares mais nobres deste País que diz: “olha, se você escolher o Temporão, você está escolhendo um grande cara.” Pois bem, agora chegou a hora, meu caro. Se na teoria você parecia tudo isso, agora vamos dar o “pepino” da Saúde para você administrar.

Aos três ministros que saem, desejo que eles tenham toda a sorte do mundo na nova trajetória de vida que eles vão desenhar para si próprios. E aos que entram, meus filhos, se pensam que é moleza ser ministro, vocês vão ver que, muitas vezes, o que não aparecia na imprensa começa a aparecer. Vocês vão perceber que, muitas vezes, é mais difícil e o salário é muito baixo. Quem é deputado ainda vem com um salário um pouquinho maior. Eu sou o único presidente da República que tem um ministro de 8 e um ministro de 12. Eu vou ser franco com vocês, um companheiro que tem uma função na iniciativa privada, eu poderia citar o caso do Furlan, poderia citar o caso do Tarso Genro, poderia citar o caso do Márcio, de tantos companheiros, da Dilma Rousseff... porque vocês sabem que a máquina pública, muitas vezes, é achincalhada. Eu me lembro da campanha do marajá que foi feita neste País, e eu me lembro

que funcionários que ganhavam 4 ou 5 mil reais eram tidos como marajás. As pessoas tinham até vergonha de dizer que ganhavam 4 mil reais, que eram marajás. Hoje que eu sou o presidente da República, eu vejo a iniciativa privada tirando gente que ganha 7 mil reais por mês, para pagar 70, 80 mil reais por mês. Quer dizer, lá eles podem ganhar bem, aqui não podem ganhar bem, e a máquina pública é dotada de verdadeiros heróis, porque tem gente da mais alta qualificação.

Vocês que estão assumindo o Ministério vão ver a qualidade excepcional de quadros técnicos que tem dentro dos Ministérios, ganhando 7 mil reais por mês, 7,5 ou, quem sabe, um pouquinho mais. Eu me lembro que, um dia, eu achei que um companheiro que ganhasse 26 mil reais na Petrobras ganhava demais. Aí, esse companheiro sai da Petrobras e vai ganhar quase 400 fora. E eu achava que ele ganhava demais. Quando eu fico vendo os ministros, que ganhavam muito bem, virem ganhar 7, 8 mil reais, eu falo: esses são heróis. Alguns pagam para serem ministros, essa é a pura verdade. E eu digo isso de cátedra, porque eu digo sempre: eu sou o único que não posso reclamar do meu salário de 8 mil reais, porque não tem nenhum torneiro mecânico no Brasil ganhando 8 mil reais por mês. Então, eu ainda continuo sendo o torneiro mecânico mais bem pago.

Eu já falei demais, companheiros, que Deus abençoe os que entram e os que saem, porque o Brasil precisa de todos nós. Boa tarefa para vocês, boa sorte e que Deus os abençoe.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega das obras do Contorno de Anápolis – BR-153/BR-060

Anápolis-GO, 20 de março de 2007

Companheiros,

Eu quero começar cumprimentando o Governador do estado de Goiás,

Quero cumprimentar o Prefeito de Anápolis,

Cumprimentar os meus ministros,

Cumprimentar os deputados e as deputadas que estão aqui,

Deputados estaduais, deputados federais,

Prefeitos,

Quero cumprimentar o Prefeito de Goiânia,

Quero cumprimentar o ex-governador e ex-senador Maguito Vilela,

Quero cumprimentar o René Pompeu, secretário estadual de Transporte,

Quero cumprimentar o Mauro, do Dnit,

Quero cumprimentar os empresários que participaram da construção desta obra,

Quero dizer para vocês o seguinte: nós vamos ter que fazer um acordo entre nós. Daqui para a frente, nós vamos ter que fazer um pacto entre nós. Deixa eu contar para vocês uma coisa: é sempre muito difícil a gente viajar para inaugurar uma obra. Sejam os companheiros do PT, do PCdoB, do PSDB, do PFL... se a gente transforma uma obra num ato partidário, as pessoas não vão comparecer mais à inauguração das obras, porque as pessoas não querem passar constrangimento.

Então, é importante que a gente faça a distinção das campanhas políticas que a gente faz, das disputas, e das inaugurações, que são uma coisa institucional e, portanto, eu tenho que conviver com os prefeitos de todos os partidos políticos, governadores de todos os partidos políticos, porque senão não tem mais inauguração de obra, porque ninguém vai comparecer.

É importante ter claro isso, porque daqui para a frente nós vamos viajar

pelo Brasil inaugurando muitas obras. Vai ter obras em cidade que é do PT, outras do PSDB, outras do PFL, outra vai ser do PP, outra do PCdoB, outra do PR. Ou seja, vai ter obra em que as cidades são governadas por todos os partidos. E eu não posso induzi-los ao constrangimento.

Como é que a gente procede? Na época das eleições, a gente coloca quem a gente gosta, tira quem a gente não gosta, e a democracia prevalece. Fora disso, é importante ter em conta que nós, num ato como este, que é um ato institucional, tem a colaboração de prefeito, de governador, de deputados, de vereadores, de secretários e, sobretudo, a contribuição do povo que, no final das contas, foi para vocês que essas obras foram concretizadas.

Dito isso, eu queria dizer para vocês, meus companheiros de Anápolis, que faz tempo que eu estou esperando para vir aqui inaugurar esta obra, faz muito tempo. Esta obra ficou muito tempo parada, foi prometida durante muito tempo e, quando eu assumi a Presidência da República, desde 2003, na época o ministro Anderson, depois o ministro Alfredo e, agora, o ministro Paulo Sérgio, assumiram o compromisso de terminar este viaduto aqui, em Anápolis, que coloca Anápolis, quem sabe, como a cidade que tem o mais belo viaduto do Brasil, porque é uma obra gigantesca. É uma obra em que foram investidos 86 milhões de reais e, portanto, é uma obra que significa um grande atrativo de investimento de capitais para a cidade de Anápolis, que já é uma grande cidade, e que pode se transformar numa cidade ainda maior, ainda mais rica, porque vai facilitar com que as pessoas façam investimento aqui.

Uma outra coisa importante é que é uma região em que passam, pelo menos, 15 mil carros, ou seja, é uma obra de envergadura, porque vai facilitar o trânsito e vai diminuir os acidentes que acontecem, numa região em que não tem um entroncamento rodoviário correto. Portanto, isso aqui é uma obra que é a cara de Anápolis, e Anápolis, pela pujança que tem, pelo significado no estado de Goiás, e pelo significado no Brasil, merecia esta obra.

Vocês estão vendo que ali do lado tem um pedaço de estrada em obra. Na verdade, esse pedaço não faz parte deste viaduto. Aquele faz parte da duplicação da BR-060, se não me falha a memória. Eu estou dizendo isso porque fui alertado: “olha, disseram que você vinha inaugurar uma obra que não estava pronta”. Mesmo que não estivesse pronta, que tivesse apenas um

tijolo, ainda assim eu estaria aqui, porque colocar um tijolo neste País é tão difícil que, quando a gente coloca, a gente tem que valorizá-lo.

A segunda coisa é que quando eu ganhei a Presidência, me disseram o seguinte: “Presidente, tem uma estrada que liga Brasília a Goiânia, que tem uma tal de sete curvas e que mata muita gente”. Pois bem, para a gente terminar a duplicação dessa estrada, faltam quatro quilômetros aqui e faltam mais três quilômetros e meio num outro trecho, e em agosto, se Deus quiser, ela estará totalmente duplicada. O que eram sete curvas vão virar apenas duas curvas, vai morrer menos gente e, se Deus quiser, ninguém, nessa estrada que liga Brasília a Goiânia. Mais ainda, vai-se poder andar daqui direto para Brasília a 100 por hora. Na hora em que o carro tiver um piloto automático, é ligar o piloto automático e chegar em Brasília em duas horas e pouco. Antes, demorava quanto tempo para chegar em Brasília? Três horas e meia. Então, é uma hora a mais que vocês vão ter para descansar, depois de voltar de Brasília.

Mas não é apenas isso, companheiros. Eu fiz questão de vir aqui para dizer a vocês que quando, no dia 22 de janeiro deste ano, nós anunciamos um programa chamado PAC, que é o Programa de Aceleração do Crescimento, é para avisar ao povo brasileiro que nós estamos colocando, de 2007 a 2010, 250 bilhões de dólares, o equivalente a 504 bilhões de reais, para resolver parte do problema das estradas brasileiras, dos portos brasileiros, das ferrovias brasileiras e dos aeroportos brasileiros. Além do que, nós também vamos resolver o problema do saneamento básico. São 40 bilhões de reais para investimento em saneamento básico e mais de 100 bilhões para investimento em habitação, numa demonstração de que se o Brasil fizer as coisas corretamente, se os políticos, do presidente da República até o mais simples vereador agirem pensando neste País, a gente pode transformar o Brasil, definitivamente, num país de primeiro mundo, num país em que a gente vai poder competir com qualquer país do mundo, e não ficar devendo nada a ninguém.

É por isso que vocês viram, nesta semana, o anúncio do nosso Ministro da Educação sobre o programa para a educação brasileira. Nós, que já lançamos o ProUni, que já colocamos 270 mil jovens na universidade, agora estamos preocupados com o ensino fundamental, para garantir a qualidade da

escola, no ensino fundamental, para os nossos jovens amanhã poderem fazer uma opção correta de chegar à universidade. Eu estou dizendo isso porque esse é o grande desafio que nós temos, neste momento, na política nacional: dar uma resposta para que a juventude brasileira não tenha que optar entre a saída da escola e o crime organizado, mas tenha que optar entre a oportunidade de estudar e a oportunidade do emprego, que é o que garante às pessoas a cidadania e o rumo certo na vida.

Por isso, governador Alcides, eu fiz questão de vir aqui. Por isso, meu querido ministro Paulo Sérgio, eu estou aqui hoje. Obviamente que não vamos passar o primeiro carro aqui, para não atropelar ninguém e nem desmanchar o palanque, mas amanhã de manhã as pessoas já estarão transitando por este que é o mais bonito viaduto da cidade de Anápolis.

Muito obrigado, companheiros, meus parabéns por Anápolis, por Goiás e pelo Brasil.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Complexo Industrial da Perdigão**

Mineiros-GO, 20 de março de 2007

Senhor governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues Filho,
Senhor ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Luiz
Fernando Furlan,

Senhor Ademir Menezes, vice-governador do estado de Goiás,
Senador Marconi Perillo,

Deputados federais Leandro Vilela, Leonardo Vilela, Pedro Wilson,
Rubens Otoni e Sandro Mabel,

Ex-governador e ex-senador Maguito Vilela,

Senhora Neiba Maria Barcelos, prefeita de Mineiros,

Senhor Nildemar Secches, presidente da Perdigão,

Senhor Eggon João da Silva, presidente do Conselho de Administração
da Perdigão,

Meu caro Demian Fiocca, presidente do BNDES,

Meu caro Lima Neto, presidente do Banco do Brasil,

Meu caro Antonio Chagas, representante da executiva da CUT,

Companheiros dos fundos de pensão aqui presentes, da Previ e da
Petros,

Companheiros e companheiras funcionários da Perdigão,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu, se tivesse juízo, não falaria aqui, depois do discurso da Prefeita,
porque a pauta de reivindicação dela é bastante exitosa, bastante, eu diria,
significativa.

Mas depois que o Governador me disse, no discurso, que a receita da
região vai aumentar em 50%, eu já vi que vou vir aqui pedir dinheiro
emprestado para emprestar para as outras cidades que estão aqui, que estão
na mesma situação da cidade de Mineiros.

Meus amigos e minhas amigas, é sempre uma manifestação prazerosa

participarmos da inauguração de uma empresa que gera renda, que gera riqueza e que gera empregos no município de uma cidade do interior brasileiro. Toda vez que nós sobrevoamos os estados do Centro-Oeste brasileiro, e todas as pessoas que viajam comigo, nós ficamos nos perguntando por que o Brasil já não deu certo muito mais tempo atrás. Porque é um País que tem todas as condições para que a gente dê, definitivamente, um salto de qualidade e passe de ficar pensando pequeno ou chorando as coisas que muitas vezes não dão certo no Brasil, e não dão certo em qualquer país do mundo.

Eu conversava com o ministro Furlan, com o Presidente da Perdigão e com o Governador, essa história de comércio exterior, é importante que a gente tenha um equilíbrio na nossa cabeça para que a gente perceba que os outros também querem vender para nós, porque muitas vezes a gente tem a impressão que só nós temos que vender. Mas também, cada vez que a gente vai vender um produto, as pessoas querem vender um produto para nós. E se um país tem um superávit muito grande na balança comercial, com outro, isso termina não sendo benéfico na ajuda do comércio exterior. É preciso que haja um equilíbrio.

Eu dizia: nós reivindicamos tanto que a Rússia compre a nossa carne. E a gente pergunta, de vez em quando: o que nós compramos da Rússia? Não compramos quase nada da Rússia. Então, se o Brasil quiser que a Rússia compre mais carne do Brasil, nós precisamos mostrar aos russos que nós precisamos comprar alguma coisa deles, porque da mesma forma que os nossos empresários e os nossos trabalhadores se queixam que a gente não está vendendo para lá, os trabalhadores deles e os empresários deles se queixam que eles estão comprando muito de nós. Então, é preciso que haja um equilíbrio.

Nós vínhamos, no avião, e o Governador me dizia que em abril vai inaugurar uma fábrica de automóvel aqui, da Hyundai, em Anápolis, e o Furlan aproveitou para dizer que a gente está comprando muito carro da Ford que está sendo produzido na Argentina, me parece, no México. Mas é preciso que a gente compre alguma coisa do México, porque nós temos um superávit na balança comercial de 3 bilhões de dólares. Os mexicanos, cada vez que vêem a gente, eles ficam doidos, é preciso diminuir essa balança comercial. É muita vantagem para o Brasil, como é muita vantagem para muitos outros países.

Então, manter esse equilíbrio, de comprar um pouco e vender um pouco, é que dá uma certa justeza no comércio internacional, senão ninguém agüenta.

A gente tem uma parceria com a Venezuela, um tempo atrás a gente não vendia quase nada para a Venezuela, 300 milhões. Hoje, o Brasil tem um superávit com a Venezuela de 2 bilhões e meio de dólares. Como eles só produzem petróleo, e nós não precisamos comprar petróleo deles, chega uma hora que começa a criar problemas, nós vamos ter que comprar alguma coisa. E assim vale para todos os países do mundo, manter esse equilíbrio entre comprar uma coisa e vender um pouco, para que as pessoas se sintam em condições de negociar mais tranqüilo com o Brasil.

Quando se trata de carne, e aqui eu estou falando na frente de dois especialistas, um, atual mandante da Perdigão, e o outro, ministro, mas ex-mandante da Sadia, portanto, os dois maiores produtores e exportadores de carne de frango do mundo. É isso? Pelo menos do Brasil.

O Brasil, na medida em que um país conquista as condições de ser um grande país, sobretudo um grande exportador, os olhos em cima de nós aumentam, a fiscalização aumenta, a disputa aumenta, e os adversários também aumentam. O Brasil não é mais um país da periferia, quando se trata de exportar carne. O Brasil é o maior exportador de carne do mundo. Antigamente, parece que era a Austrália, nós ultrapassamos. E quando a gente passa a ser o maior exportador do mundo... quando é o maior time do mundo, todo mundo quer ganhar do maior time do mundo. Veja quando a Seleção Brasileira joga com qualquer time, por pior que seja, eles querem derrotar o Brasil, não querem? Assim, deve valer para o melhor time de Goiás, para o melhor time de São Paulo, no caso de São Paulo é o Corinthians, todo mundo quer ganhar.

Na política internacional é assim. O Brasil é um grande exportador de vários produtos, e quando a gente começa a exportar muito, nós começamos a arrumar adversários, começam a aparecer pessoas querendo colocar casca de banana no nosso caminho para que a gente não consiga exportar tudo que a gente quer. O que nós precisamos é apenas ter o equilíbrio. No Brasil nós também trabalhamos, às vezes nós ficamos como se fosse um coração em alta tensão, às vezes a gente tem 100% de coisas positivas, e às vezes, no mesmo dia, abaixa para 100% de coisas negativas. Por exemplo: quando faz seca, é a

desgraça do governo que é o culpado. Quando chove, eu não vi uma passeata agradecendo a chuva. Por que? Porque nós temos um prazer de fazer transferência de responsabilidade com as desgraças, como nenhum outro povo tem. É uma coisa nata do Brasil.

Este País que estava numa crise na agricultura, no ano passado, este ano já tem gente exportando milho de 2009. O preço da soja, que parecia que ia lá embaixo, já não está tão lá embaixo, está lá em cima. O Furlan lembra, quando nós entramos, o preço do café era 37 dólares. Nunca mais eu vi ninguém reclamar do preço do café. Nem do preço da laranja, nem do preço do álcool, e não vão reclamar também do preço da soja. Porque agora, com a introdução do biodiesel na matriz energética brasileira, ao longo desses próximos anos o biodiesel vai significar quase um regulador do próprio comportamento do mercado internacional, em função da capacidade de oferta que a gente tenha, ou para atender o mercado internacional, ou para produzir biodiesel aqui, internamente. O que nós precisamos é apenas ir consolidando as políticas regulatórias para que a gente não seja vítima das intempéries, porque desde que eu me conheça por gente – eu já estou com 61 anos, portanto já faz tempo que eu me conheço por gente – não conheço um governo que não foi culpado pela desgraça da agricultura. Não conheço um, não tem na história deste País, porque é assim mesmo. Agora, a pergunta que me indignava, com o Roberto Rodrigues, era sempre a seguinte: se é verdade que o problema das intempéries causa problema na agricultura, por que este País não introduziu 30 anos atrás um seguro agrícola que garantisse, definitivamente, que nós soubéssemos que não íamos ser vítimas das intempéries? Bem, nós estamos agora introduzindo isso. Mas não basta isso.

Quando a gente pega uma notícia, no jornal, que teve um foco de febre aftosa num estado qualquer ou uma outra doença animal em qualquer estado... Eu dizia agora há pouco ao Presidente da Perdigão: é preciso que, a cada dez anos neste País, a gente faça uma reunião da cadeia produtiva de cada setor para que a gente possa adaptar a legislação à nova realidade, porque tem tecnologia nova, porque tem vacina nova, porque tem coisa nova. E, na minha opinião, inclusive, a gente co-responsabilizar a pessoa que permite que tenha uma doença no seu rebanho, porque se ela colocasse em risco apenas o rebanho dela, seria ótimo, mas ela coloca em risco é o estado.

Eu estava em Chapecó fazendo um debate, uma vez, e o cidadão mais bravo, o que mais xingava o governo – depois me entregaram, no ato, um recorte de jornal – era um cidadão que tinha dado uma declaração, lá em São Paulo, dizendo que não tinha problema com os russos, porque eles corrompiam o governo russo. Aquilo saiu na primeira página do jornal O Estado de São Paulo. Certamente, o embaixador russo recebeu; certamente, mandou para o presidente Putin, e certamente o Putin ficou meio “putin” com o Brasil. Certamente, ele deve ter falado: “bom, se estão dizendo que o nosso governo é corrupto, por que eu vou comprar?” Isso foi estampado nas páginas dos jornais. E esse cidadão, que fazia um discurso feroz contra o governo, era a figura mais inocente daquele pedaço da reunião ali, até que eu mostrei a manchete do jornal e disse para ele que o mínimo que eu esperava dele era que ele fizesse uma carta ao presidente da Rússia, pedindo desculpas e dizendo que tinha falado bobagem. Não sei se mandou, mas deveria ter mandado.

Quando a gente vem aqui inaugurar uma fábrica desta magnitude, no interior do País, e quando a gente percebe o discurso que a Perdigão me dizia... O discurso não, as palavras da Perdigão quando fomos inaugurar a outra fábrica, em Rio Verde. E ele me dizia: “Presidente, o problema aqui, de que nós estamos necessitados, é a questão da mão-de-obra.” E eu dizia: a mão-de-obra não vai ser problema, é só ter oportunidade que esse pessoal se forma. E já está formada a primeira turma daqui, já vai se formar a segunda, já vai se formar a terceira. Quando vocês fizerem a outra fábrica, os outros trabalhadores virão se formar aqui, em Mineiros, porque os daqui já estão preparados para formar outras pessoas. E não tem, na face da Terra, gente mais criativa do que a nossa, não tem. Eu ouvi também, de vocês, que os trabalhadores da Perdigão, aqui, já estavam produzindo mais que os gaúchos. Eu ouvi você dizer isso para mim. E eu vou dizer isso para os gaúchos, que é para os gaúchos começarem a produzir mais que vocês, para vocês voltarem a produzir mais que os gaúchos. E essa disputa vai fazer com que a Perdigão possa produzir muito mais.

Quando venho aqui, e quando (inaudível) eu vou dizer para vocês uma coisa, eu vou me deitar e me levanto cada dia mais otimista com o futuro deste País. Eu sei que as pessoas reclamam: “mas os juroz poderiam cair”, porque

as pessoas se esquecem quanto é que estavam os juros quatro anos atrás. “Ah, mas a produção deveria aumentar.” Este ano vamos bater recorde, outra vez, de produção. “Ah, mas o dólar, não sei das quantas.” O dólar, quem vai ajustar ele é o mercado, não o presidente da República. Na medida em que a gente faça as coisas certas, não tem erro, o Brasil vai dar certo. É importante que a gente não perca de vista, nunca, o dia 1º de janeiro de 2003. Este país tinha 14 bilhões dólares de reservas e 16 bilhões emprestados do FMI. Hoje, este País não deve mais ao FMI, não deve mais ao Clube de Paris e tem 106 bilhões de dólares de reservas na sua balança. Contem quantos países no mundo tem 100 bilhões de dólares de reservas. Possivelmente, a China e a Índia, acima disso. Essa é a garantia que nós estamos dando ao mundo para os nossos produtos, essa é a garantia que nós estamos dando ao mundo para os investimentos estrangeiros no Brasil, essa é a garantia que a gente está dando ao mundo que não se faz estupidez com a economia e nem se trabalha com o nervosismo desse ou daquele setor.

O Furlan é ministro da Indústria e Comércio, e ele sabe quantas vezes a indústria automobilística entrava, em janeiro, na nossa sala, dizendo: “Presidente, estamos em vermelho”. No final do ano, voltava lá: recorde de produção, recorde de exportação, recorde de vendas. Ele sabe, quando nós começamos a discutir o flex fuell, quantas incertezas: “não vai dar certo.” O que aconteceu? 85% dos carros vendidos no mercado interno, no ano passado, são flex fuell.

Os usineiros de cana, que há dez anos eram tidos como se fossem os bandidos do agronegócio neste País, estão virando heróis nacionais e mundiais, porque todo mundo está de olho no álcool. E por quê? Porque tem políticas sérias. E tem políticas sérias porque quando a gente quer ganhar o mercado externo, nós temos que ser mais sérios, porque nós temos que garantir para eles o atendimento ao suprimento. Antigamente, vocês estão lembrados quando a gente tinha 90% de carros a álcool e, de repente, não tinha mais álcool no posto de gasolina porque o açúcar subia no mercado internacional e então, não se produzia mais álcool, se produzia apenas açúcar. Se não for política responsável, ninguém acredita.

E hoje eu posso dizer para vocês, quando eu digo isso, eu digo de boa cheia: não existe momento na história econômica da República brasileira,

desde que foi proclamada a República – eu estou falando de mais de 100 anos – em que a economia tenha tantos fatores positivos, que me dão a certeza de que o Brasil, finalmente, encontrou o seu caminho. Vai ter um setor reclamando? Vai. Na família da gente, de cinco filhos que eu tenho, você se senta à mesa e sempre tem um reclamando da comida, quatro gostando e um reclamando. Sempre vai ter um setor que vai ter um problema aqui, vai ter um problema ali. Você tem que ir ajustando o setor sem contaminar o todo, você tem que ir ajustando cada setor. Se a carne tem problema, vai tratar do problema da carne. Se o couro tem problema, vamos tratar do problema do couro. É este País que está em andamento. E foi consolidado, no dia 22 de janeiro, com o lançamento do PAC.

Posso dizer aqui, aos meus companheiros de Goiás: não tem, na história do Brasil, nenhum programa lançado com a seriedade com que foi o PAC. O PAC tem cara, tem nariz, tem cabeça, tem tronco, tem membros, tem data de começar e tem data de acabar. E é apenas o começo de uma política que só pode acontecer porque nós fizemos o resto certo, senão, não aconteceria.

Então, esta fábrica da Perdigão é um estímulo. Saber da compreensão da Prefeita, do Governador, do Marconi Perillo, saber do apoio que o Maguito deu quando era governador, com outras fábricas. Saber que no fundo, no fundo, todo mundo tem quer dar o seu dedinho de contribuição para que as coisas aconteçam. Se o Brasil der certo, todos nós ganhamos. Se o Brasil der errado, todos nós perdemos. Alguém pode até achar que pode ganhar uma eleição com um discurso de desgraça, mas ele ganha e não leva, porque se o Brasil não der certo para nós, também não dará certo para quem governa. Então, o que nós queremos? Nós queremos, Prefeita, que os municípios brasileiros sejam respeitados. E foi por isso que na Constituição de 88 nós demos tanta força aos municípios. E é por isso que nesses quatro anos de governo os prefeitos foram tratados com a dignidade que jamais tinham sido tratados neste País.

A senhora agora, certamente, vai à Marcha dos Prefeitos. Lá estarão todos os ministros discutindo todos os temas, porque nós achamos que se o País vai bem, o estado tem que ir bem e a cidade tem que ir bem. Se a cidade não vai bem, se o estado não vai bem, não tem como o País ir bem, ou seja, o “ir bem” é uma combinação de prosperidade em cada ente federativo. Por isso,

Prefeita, eu vou levar com muito carinho as suas reivindicações – não me entregou ainda, só falou – e depois a senhora vai receber da pessoa que vai compilar cada uma, ver o que pode ser feito com cada uma, para que a gente possa, dentro do possível, ir atendendo.

No mais, gente, Perdigão, parabéns. Espero que a Sadia fique com inveja e faça uma maior em outro lugar.

Um abraço e boa sorte para todo mundo.

Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do 40º espetáculo da Paixão de Cristo

Teatro Nova Jerusalém – Fazenda Nova-PE, 29 de março de 2007

Queria agradecer o convite. Eu lembro que quando eu comuniquei ao Robson que eu não poderia vir porque estaria viajando para Washington na sexta-feira, ele me disse: “Olha, Presidente, a gente pode antecipar um dia”. Então, meus agradecimentos. E, sobretudo, agradecimentos a vocês, que se dispuseram a fazer o espetáculo um dia antes ou dois dias antes, porque começa no sábado.

Quero agradecer ao povo desta terra. Durante todo o trajeto que nós fizemos aqui, a gente foi percebendo que a maioria das pessoas que participam são artistas do povo, ou um povo artista, ou seja, gente que durante a semana inteira labuta para sobreviver e que, de repente, numa semana, vira artista. Vira artista para montar, vira artista para representar. Eu penso que isso é o descobrimento do jeito de fazer cultura do povo brasileiro. Eu, não por ser presidente da República, mas por ser brasileiro, e que viaja muito, eu não acredito que tenha um povo no Planeta tão especial quanto o nosso povo, sobretudo o povo nordestino que, no sofrimento...

Os nossos artistas lá das bandas do Sul, agora que têm vindo algumas empresas multinacionais para o Nordeste brasileiro, uma coisa que a gente ouve todo dia dos empresários, cada fábrica que a gente inaugura, a gente ouve dos empresários o seguinte: “Olha, Presidente, nós temos 60 fábricas em 60 países, nós temos 90 fábricas em 90 países, nós temos 30 fábricas em 30 países, mas os melhores trabalhadores são os trabalhadores brasileiros. São os mais produtivos e os mais criativos”.

Isto que nós vimos aqui é criatividade pura. Uma criança desta aqui, tem na escola de teatro dela uma coisa tão prática, ou seja, uma vivência tão afetiva com uma realidade que é a história a que a grande maioria de nós está subordinada, que é a história de Jesus Cristo.

Eu já tinha visto na televisão, já tinha lido. Agora, incomparavelmente, nada faz a gente ter a dimensão da grandeza do que estar presente. Nada,

nada, nada. De vez em quando, as máquinas dos fotógrafos atrapalhavam a gente ver um pouco, e eu penso que vou ver melhor no dia, Robson, em que eu não for mais Presidente, em que eu puder vir como cidadão comum e acompanhar livremente, como se fosse um coadjuvante participando disto.

Olha, meus parabéns. Valeu a pena o convite, Robson. Eu acho que um gaúcho que sai do Rio Grande do Sul, de Santa Maria, e se mete nas entranhas de Pernambuco para criar isto aqui, ele já tinha nascido pernambucano, gaúcho foi por acaso. Ele já tinha nascido pernambucano.

Meus parabéns. Parabéns a todos vocês. Parabéns a vocês que eu vi ali, na apresentação, no início, a quantidade de artistas, os grandes artistas brasileiros que já passaram por isto aqui, ajudando a criar novos artistas. E parabéns a todos vocês. De coração, eu saio daqui alegre, emocionado de saber que nós, um País em vias de desenvolvimento, uma região muito empobrecida deste País não perdeu o orgulho, não perdeu a esperança e faz com que o povo tenha competência para, com as suas próprias mãos, construir tudo isto aqui. Eu penso que se Deus, ou se alguém tinha dúvida que Deus nasceu aqui, eu acho que foi aqui que ele nasceu.

Muito obrigado. Muito obrigado, de coração. E parabéns pela noite que vocês nos proporcionaram.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse de novos Ministros de Estado**

Palácio do Planalto, 29 de março de 2007

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu caro senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,
Meu caro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,
Meu caro Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes,
Meu caro Carlos Lupi, ministro do Trabalho e Emprego,
Meu caro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,
Meu caro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio,

Meu caro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação
Social da Presidência da República,

Companheiros e companheiras ministros de Estado,

Meus queridos companheiros Paulo Sérgio Passos, Nelson Machado e
Luiz Fernando Furlan,

Governadores aqui presentes,

Meus companheiros senadores e senadoras,

Deputados e deputadas aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu estou gostando desse negócio de posse de ministro, porque a Casa
está lotada todo dia. Então, quem sabe a gente fique de quando em quando
fazendo essas trocas, que é para poder lotar a casa.

Mas, companheiros da imprensa,

Empresários aqui presentes,

Trabalhadores,

Funcionários da Presidência da República e dos Ministérios,

Falta a minha água, hoje esqueceram a minha água aqui, a água fica
sempre aqui em cima, bonitinha. Imaginem se eu não tivesse ganho as
eleições.

Toda vez que a gente participa de um ato de posse, a gente tem alegria de um lado, porque tem um companheiro novo entrando no campo de batalha, e a gente tem tristeza porque tem um companheiro que está nos deixando. E em alguns casos você tem dupla alegria porque tem um companheiro entrando para um lugar, e um saindo de um lugar e indo para outro lugar, ou seja, você consegue contemplar, e nem sempre pode ser possível essa harmonia.

Mas eu queria começar agradecendo ao nosso querido Paulo Sérgio Passos. O Paulo Sérgio, como todo mundo sabe, é funcionário há muito tempo da área dos Transportes, foi o secretário-executivo do ministro Alfredo Nascimento. Todo mundo sabe que o ministro Alfredo Nascimento saiu para disputar uma eleição e o Paulo Sérgio assumiu o Ministério sabendo que o companheiro Alfredo tinha um compromisso comigo, de voltar para o Ministério. Nesses 12 meses que o Paulo Sérgio foi ministro dos Transportes, eu posso dizer para vocês que foi uma das mais gratas surpresas que eu tive no governo. O Paulo Sérgio, com esse jeito simples dele, conseguiu imprimir no Ministério dos Transportes um ritmo que em alguns casos até assustou alguns companheiros quando, em janeiro do ano passado, ainda o Alfredo era ministro, nós começamos aquela operação de recuperação das estradas brasileiras.

Mas mais importante do que isso, o Paulo Sérgio teve um papel importante no PAC. O Paulo Sérgio foi um dos companheiros, um dos grandes parceiros que entendeu a necessidade e a urgência do PAC. A sua equipe se colocou de corpo e alma junto com a equipe da Casa Civil, coordenada pela ministra Dilma, para que a gente colocasse toda a questão de infra-estrutura rodoviária, ferroviária e de portos no PAC. Hoje, eu estou convencido de que nós temos o melhor plano para a área de estradas, ferrovias, portos e aeroportos que já tivemos em qualquer momento neste País, e agora que ele ajudou a teorizar esse programa, certamente, com a continuidade dele junto ao Alfredo, ele vai nos ajudar a implementar esse programa.

Eu quero, Paulo Sérgio, agradecer esses meses de convivência, a tua dedicação, a seriedade que você imprimiu. Possivelmente eu vou fazer um (Inaudível) porque estou vendo o pessoal da Abdib aqui. Eu não sei se em algum momento da história do Brasil, os empresários receberam o que o governo lhe deve tão em dia nos contratos que nós firmamos, porque

habitualmente no Brasil se contratava uma obra, o governo fingia que pagava, as empresas fingiam que faziam, e o que a gente via era que o governo não pagava e as empresas não faziam, era habitual a gente andar pelo Brasil e ver máquinas paradas, meses e meses, anos e anos. E nós resolvemos que se quiséssemos exigir seriedade dos empresários nós teríamos que ser sérios e nada mais sério para mostrar para os empresários do que pagar os contratos que firmamos, e isso eu penso que o Ministério dos Transportes vem cumprindo à risca neste País, portanto, meus caros, preparem-se para mais obras. Obrigado meu querido Paulo Sérgio, pela sua passagem tão gratificante no Ministério.

Bem, o Alfredo eu não posso falar bem dele porque ele não está saindo, ele está entrando, ele vai ter que fazer o discurso na transmissão de posse, mas eu convivi com o Alfredo durante dois anos e pouco, eu sei da competência do Alfredo e não tenho dúvida nenhuma de que o Ministério dos Transportes, nas tuas mãos, Alfredo, estará em boas mãos. Não se deixe abater nunca porque adversários é o que não falta, sobretudo agora que o Ministério dos transportes tem muito dinheiro. Quando não tinha dinheiro, ninguém nem percebia, mas já era interessante, agora que tem muito dinheiro, meu caro, nós vamos provar que um pouco de competência e um pouco de dinheiro, junta a fome e a vontade de comer, e nós vamos resolver um dos gargalos deste País no que diz respeito às nossas rodovias, às nossas ferrovias, aos portos, aeroportos e às hidrovias, já que vamos concluir as que faltam neste País, portanto, boa sorte. A partir de agora estará subordinado às nossas mesas de negociação e reze para a Dilma estar de bom humor todo dia.

Bem, aqui uma coisa engraçada. Eu vou contar um pequeno caso para vocês. Eu não conhecia o Furlan, ouvia falar, mas não o conhecia. Quando eu ganhei as eleições em 2002, um companheiro meu, senador da República, Aluizio Mercadante, falou para mim: “Presidente, tem um empresário que pode ser o biotipo de caixeiro viajante que o senhor precisa para o Ministério do Desenvolvimento e de Comércio Exterior”. Todo mundo sabia que eu falava que queria um mascate, todo mundo aqui, os mais novos não devem saber o que é mascate porque não viram um mascate, mas eu sou do tempo em que se via o mascate chegar em casa com um monte de pano embaixo do braço.

Não adiantava a mãe da gente dizer que não tinha dinheiro, porque ele ia embora depois de meia hora, deixava um pacote de pano e vinha receber todo mês um pedacinho. E eu falei: é esse homem que eu preciso.

O Aloízio falou: “este homem é o Furlan”. Eu não o conhecia, chamei o Furlan para conversar e, no mesmo dia, eu chamei o presidente do BNDES, o Carlos Lessa, para conversar que eu já tinha escolhido o Carlos Lessa. Qual não foi minha surpresa, na hora em que eu apresentei o Furlan ao Carlos Lessa, eu comecei a perceber que eles tinham posições tão antagônicas que eu não sabia como é que eu ia estabelecer essa convivência entre os dois. Eu me lembro que eu chamei o Aloízio Mercadante, e falei: Aloízio olha, são dois companheiros, crias tua, por favor, me ajude a resolver esse problema.

O que aconteceu de lá para cá? O que aconteceu, primeiro o Furlan demonstrou uma capacidade política que muitas vezes a gente pensa que o empresário não tem, porque normalmente quando a gente conversa com o empresário ele fala: “eu não sou político”. Eu sou daqueles que não acredita que tenha um ser humano que não seja político. A gente começa a fazer política quando a gente chora pedindo leite, quando é recém-nascido. E o Furlan sabe do carinho que eu nutri por ele nesses quatro anos pela disposição, pela competência. Eu não quero fazer julgamento porque não conheço todo mundo, mas eu não sei se em algum momento a gente teve um ministro da Indústria e Comércio com a dedicação do Furlan, não sei.

Por “n” razões, de ordem pessoal e particular, o companheiro Furlan, desde julho do ano passado, vem pedindo a mim para sair. Ele ia sair quando saiu o Roberto Rodrigues. Aí, a saída do Roberto Rodrigues teve uma repercussão e o Furlan falou: “Presidente, eu vou ficar um pouco mais.” E foi ficando. E cada vez que ele falava que ia sair, eu dava uma tarefinha para ele e ele cumpria. Até que chegou o momento em que eu falei: bom, o Furlan tem o direito de sair. Mas o Furlan sai passando para o seu sucessor, o nosso amigo e companheiro Miguel Jorge, uma situação totalmente diferente da que o Furlan encontrou.

Quando nós chegamos aqui, no começo do ano, as exportações brasileiras eram de 60 bilhões de dólares. Hoje, o Furlan entrega para o Miguel Jorge as exportações, em dezembro, a 137 bilhões de dólares. Hoje, 140 bilhões de dólares. Tínhamos um saldo comercial, Miguel Jorge, de 13 bilhões

de dólares. Hoje, quando você assume essa Pasta, o nosso saldo comercial é de 46 bilhões de dólares. Tínhamos reservas de 16 bilhões de dólares. Todo mundo sabe o que é um país com poucas reservas, o que é um país sem capacidade de financiar suas exportações. E hoje, quando você assume o Ministério, por obra e trabalho de competência do pessoal da área econômica, nós temos hoje 110 bilhões de reservas, já pagando o FMI, já pagando o Clube de Paris. Eu não sei se além da China e da Índia, tem algum país no mundo com reserva de mais de 100 bilhões de dólares.

Eu me lembro, na viagem que eu fiz para a Índia em 2004, quando o Primeiro-Ministro da Índia me disse que a Índia tinha 90 e poucos bilhões de dólares de reservas, eu saí da Índia discutindo com o Palocci, com o Meirelles. Eu ficava sonhando com o dia em que o Brasil iria ter 90 bilhões de dólares de reservas. Eu achava que quando a gente tivesse 90 bilhões de dólares a gente ia ter tanta credibilidade, o risco-Brasil ia cair e as coisas iam mudar. E não só ultrapassamos os 90, como chegamos a 110 bilhões de dólares. Não tem nada que dê mais garantia a um país do que um montante de reservas como esse que nós conseguimos acumular. E, se Deus quiser, vamos acumulando, ora um pouco mais, ora um pouco menos, porque dinheiro no bolso não faz mal a ninguém e muito menos a um país emergente como o Brasil, que precisa de muita credibilidade.

Todas as políticas de desoneração que nós fizemos neste governo tiveram o dedo do companheiro Furlan. Sujeitinho impertinente, ele entrava na minha sala com um papelzinho na mão: “Presidente, precisamos desonerar isso, desonerar aquilo, desonerar isso.” Às vezes, a equipe econômica é um pouco mais dura e tem que ser assim. Vocês sabem que eu defendo que tesoureiro tem que ser duro e tesoureiro tem que ter mão de vaca, não pode ficar liberando dinheiro à toa não. Até de um clube como o Náutico, José Múcio, até da Presidência da República, o tesoureiro tem que ser o cara mais sovina da equipe, ele tem que estar sempre pronto para dizer não, porque na hora em que tiver que dizer sim, ele comunica a mim, e eu digo sim porque quem tem que ganhar sou eu e ele me ajuda a ganhar.

Furlan, as minhas palavras são de agradecimento, gratidão. Eu acho que você vai sentir falta do governo, estou dizendo para você há seis meses. Você vai perceber que isso aqui, que parecia chato, é muito bom, você vai

perceber que a gente se sente útil vendo as coisas crescerem. Eu me lembro da tua alegria quando a gente chegou a 100 bilhões de dólares de exportação, eu me lembro de um champanhe que você carregou embaixo do braço um monte de tempo, até que nós abrimos esse champanhe. E eu, Furlan, só posso agradecer a você, acho que o governo agradece a você, acho que o Brasil agradece a você, e eu espero que você tenha toda sorte do mundo nessa sua nova empreitada, que eu não sei qual vai ser, certamente será tão bem-sucedida quanto aquela antes do governo e a tua presença no governo. Se quiser ser candidato a alguma coisa já pode, já está cacifado para isso.

Bem, e o nosso companheiro Miguel Jorge. Por coincidência, o Miguel Jorge, como eu, não tem diploma universitário. Somos três, José Alencar, porque o Marinho já tirou o dele. Somos três, você, o Ministro e eu. Mas o Miguel Jorge é um companheiro, acho que todos aqui conhecem, de muito tempo no Estadão, muito tempo na Autolatina e na Volkswagen e, mais recentemente, no Santander. Eu não tenho dúvida nenhuma, meu querido Miguel Jorge, que se você tiver no governo a desenvoltura que você teve na sua vida profissional como jornalista no “O Estado de São Paulo”, que você teve como empresário na Autolatina, onde certamente o Marinho te xingou algumas vezes nas greves que ele fazia lá, e se você tiver desenvoltura como você teve à frente da Direção do Santander, certamente a continuidade do trabalho do Furlan será extraordinária e eu poderei chegar ao final do meu mandato, ao invés de 110, 220, 137, 300 bilhões de exportação. Nós temos que pensar grande porque quem não pensa grande não vai a lugar nenhum. Meus parabéns querido e boa sorte para você.

Nosso querido Franklin Martins. O Franklin é daquelas pessoas – da mesma forma que foi o André no começo ou o Ricardo Kotscho – que a gente vai convidar pensando que não vão aceitar. Você vai sempre com uma certa dúvida, um jornalista bem remunerado, será que essas pessoas vão largar? O André era do Conselho Editorial da “Folha de São Paulo”, professor da Usp, eu falei: será que esse cara vai largar tudo isso por 7 mil reais? Largou. Da mesma forma que o Ricardo Kotscho largou e eu falei: bom, agora eu vou convidar o nosso querido Franklin Martins para vir aqui. Eu falei: esse homem, deve ser homem grosso da imprensa, porque aparecia na Globo todo dia, depois na Bandeirantes, fala bem, mais político do que nós, eu falei: esse

cidadão não vai aceitar.

Aí chamei o Franklin Martins para vir substituir um trabalho que o Dulci estava fazendo no lugar do Gushiken, para vir substituir porque ele vai ocupar uma coisa só e eu chamei o Franklin e falei: Franklin eu acho que nós estamos precisando de você, eu acho que nós precisamos renovar o setor de comunicação, o André, no final do ano, tinha me comunicado que estava com vontade de voltar para a Usp, estava a fim de escrever um livro, acho que falando mal do governo, (Inaudível) e o Dulci estava cumprindo tarefa, porque o Dulci parece o prefeito do papa, ou seja, ele cuida de tudo, desde o movimento social, à juventude, aos cuidados com a Presidência da República, à comunicação, e eu falei: olha, vamos pegar uma pessoa só para fazer tudo isso

Franklin, eu estou depositando uma expectativa muito grande, porque nós vamos criar coisas diferentes, além da publicidade, além dos patrocínios, além de cuidar da imagem do governo, além da Radiobrás, que estará subordinada a todo o esquema. Nós estamos pensando em ter uma TV pública educativa, uma TV que possa fazer o que, muitas vezes, a televisão privada não faz. E quem sabe a gente possa fazer parceria com tudo o que já tem neste País: TV Câmara, TV Senado, TV Congresso, TV Educativa nos estados. Nós não vamos inventar a roda, o que nós queremos é dar oportunidade para que um jovem que queira aprender português, possa ter aula de português às 9h da manhã, às 11h da manhã; que as pessoas possam assistir a uma peça de teatro pela televisão à 1h da tarde, ao meio-dia; que a gente possa ensinar espanhol, ensinar inglês, ensinar matemática; que a gente possa ter uma imensa atividade cultural. Se vai ter meio ponto de audiência ou zero não me interessa, o que interessa é que tem uma opção para quem quiser ter acesso a uma coisa de muita profundidade.

Veja, nós já temos muita programação, mas todas elas são em horário... O Vicentinho, quando tentou se formar advogado e foi fazer o vestibular, ele fez um curso e levantava às 5h e meia da manhã para poder estudar. Por que não pode ter um curso ao meio-dia, às 2h da tarde? Como nós não queremos competir, nós só queremos somar, nós só queremos criar oportunidade para que, do Oiapoque ao Chuí, as pessoas possam ver coisas. E também um programa jornalístico. Eu sonho grande, eu sonho com uma coisa quase 24 horas por dia, não sei se a gente vai conseguir construir. E que não seja uma

coisa “chapa branca”, porque a “chapa branca” parece bom, mas enche o saco. Gente puxando o saco não dá certo. Nós temos que fazer uma coisa séria, não é uma coisa para falar bem do governo ou para falar mal do governo, é uma coisa para informar. A informação tal como ela é, sem pintar de cor-de-rosa, mas também sem pichá-la. É isso que nós vamos querer. E nós já temos exemplos, tem a TV Cultura, em São Paulo, que tem boa programação, e você sabe que é uma tarefa gigantesca. Eu também sonho que a gente possa até ter uma rádio nacional. É mais difícil, mas vamos tentar, não custa nada, falar as coisas para o Brasil inteiro.

Então, meu caro, essa vai ser uma tarefa gigantesca. Prepare-se, passe bastante cera nas costas porque se apanha um pouco, mas eu acho que você já está calejado, já apanhou muito na vida e eu acho que você sabe que a coisa não é fácil.

Por último, eu queria falar do Ministério do Trabalho e do Ministério da Previdência. Primeiro, agradecer ao Nelson Machado. O Nelson Machado, ele está para o governo... Todo mundo aqui, os homens e, pelo menos, as mulheres que hoje entendem mais de futebol do que os homens, aliás tem um grande número de comentaristas esportivos, hoje, mulheres. Eu fico fascinado quando eu vejo um bandeirinha ser mulher, você vê que o jogador não a xinga como xinga os homens, eles vão com medo. Então, o Nelson funciona como aquela espécie de curinga. Tem jogador, nos times de futebol, que toda vez que o técnico precisa de um cara para a lateral direita, ele vai; precisa para a lateral esquerda, ele vai; precisa para médio volante, ele vai; só não vai para o ataque, mas até para meio armador, de vez em quando, ele vai. O Nelson é um quadro técnico da mais alta competência.

O Guido está há uns seis meses tentando levá-lo e eu não tenho deixado. O Nelson foi para a Previdência para cumprir um papel em função do déficit da Previdência Social. Déficit que eu não reconheço como déficit, porque o que nós chamamos de déficit... Na verdade, eu quero dizer aqui, com todas as letras, o que nós chamamos de déficit na Previdência é muito menor do que os números que aparecem, de 47 bilhões. Na verdade, parte dos 47 bilhões que a gente costuma colocar tudo num bolo e dizer que é déficit, na verdade, aquilo significa política social que nós, a partir da Constituição de 88, garantimos, primeiro, quando introduzimos a aposentadoria ao trabalhador rural

brasileiro, que tinha direito. Se antes não tinha o pagamento por parte dos empregadores, era justo que a gente garantisse que aqueles que, desde os 13 anos de idade ou menos trabalham de sol a sol, tivessem um direito.

E, depois, as políticas sociais para o idoso, os portadores de deficiência, o que não é nenhum favor que o governo faz, é um compromisso da nação para com uma parcela do seu povo que está proibida de trabalhar, que está proibida de ter acesso a muitas coisas. Então, não vamos dizer que isso é déficit. É um déficit do Tesouro e não da Previdência. Mas, se é do Tesouro, também é nosso. Então, nós não poderemos também achar: bom, não é meu, é do Guido Mantega. Não, é nosso, é do Brasil. Portanto, nós temos que cuidar disso com um carinho especial.

E o Nelson foi para lá com essa missão, de tentar montar uma equipe para consertar a Previdência, sem que a gente fizesse perseguição a quem quer que seja. Isso já tinha sido começado pelo Ricardo Berzoini, depois pelo Amir Lando, e depois pelo Jucá. Eu falei: agora eu vou colocar um técnico lá para fazer uma coisa importante. Estava em época de eleição, mais ou menos março ou abril do ano passado, eu falei: não vou convocar ninguém agora, porque se eu convocar agora, a briga política vai ser maior do que o benefício que o Nelson vai causar lá. Então, levei o Nelson. Posso dizer a vocês que o trabalho que o Nelson está fazendo lá ainda não é um pomar, mas posso dizer para vocês que vai dar frutos, de forma extraordinária, para o bem do povo brasileiro que depende da Previdência Social. Para o bem do povo brasileiro.

O que me levou a tirar o Marinho do Ministério do Trabalho e levar para lá? Todo mundo sabe da minha ligação histórica, quase de pai para filho, com o Marinho. Ele é o exemplo de um filho mais inteligente que o pai. E hoje também não é novidade que a nossa molecada, com esse negócio da informática, dá um banho. Nós somos a primeira geração em que nossos netos sabem mais do que os avós. A primeira, a partir de oito anos de idade, um avô pega dois controles remotos e não sabe o que fazer, o neto pega quatro e faz uma “desgrameira” na televisão.

Pois bem, eu levei o Marinho para a Previdência Social, porque poderia tê-lo deixado no Trabalho, tranqüilamente, ele estava lá, e ter levado o Lupi para a Previdência Social. É porque eu aprendi uma coisa com 22 anos de idade, quando eu fui convidado a primeira vez para ir para o sindicato: sempre

que possível, você precisa escolher as pessoas para determinadas atividades em função do perfil da pessoa. Tem ser humano que tem perfil para muitas coisas, mas tem outras que têm perfil para enfrentar coisas que, muitas vezes, são adversas. E por isso eu sou agradecido ao que o Marinho fez no Ministério do Trabalho. Primeiro, a relação criada com todas as centrais sindicais neste País, os fóruns que foram construídos para que a gente pudesse tentar criar as coisas conjuntamente, a relação pluralista que o Marinho estabeleceu com todas as correntes sindicais. A capacidade de negociação do Marinho, aprendida desde a comissão de fábrica de uma Volkswagen até a Presidência da CUT, até chegar no Ministério, foi preponderante, Lupi, para que a gente tivesse o salário mínimo que nós temos hoje, foi preponderante para a gente reavaliar a alíquota do Imposto de Renda, foi preponderante para a gente poder estabelecer um pouco mais de recursos para financiar obras de infraestrutura, para financiar parte dos investimentos do BNDES. Eu falei: bom, esse cara já fez o que tinha que fazer no Ministério do Trabalho. Agora, o Ministério do Trabalho tem uma história, o movimento sindical é suficientemente forte, aprendeu a andar, conquistou liberdade, conquistou espaço, vai saber reivindicar a cada momento, mas é preciso a gente dar conta da Previdência Social.

Havia uma dúvida se eu tiraria o Nelson ou não porque tinha começado aquele trabalho ali, eu falei: se você tira alguém que está fazendo um trabalho desses e não dá certo, como é que fica? Aí olhei, poderia ser a Dilma, mas não era a Dilma, a Dilma briga demais. Aí, poderia ser o Silas Rondeau, mas o Silas é muito bom em energia, esse negócio de Previdência não é com ele. Aí, poderia ser o Patrus Ananias, mas o Patrus já cuida de muita gente pobre aqui no País. Bom, o perfil desse negócio é o do companheiro Marinho, então eu tirei o Marinho do Ministério do Trabalho e trouxe para a Previdência Social, com a certeza de que, se eu o conheço bem e se ele imprimiu no Ministério da Previdência o mesmo ritmo de trabalho e de seriedade que ele imprimiu no sindicato de São Bernardo do Campo, que ele imprimiu na CUT, no esforço que ele fez para se formar em Direito, e no trabalho digno que ele fez no Ministério do Trabalho, se ele imprimir esse ritmo no Ministério da Previdência Social, eu quero avisar a todos aqueles que acham que a Previdência é insolúvel, que ela vai ser consertada sem que a gente jogue no colo dos pobres

a responsabilidade pelo déficit da Previdência Social neste País. Meu caro Marinho, parabéns, boa sorte.

E eu trouxe o companheiro Carlos Lupi para o Ministério do Trabalho. A imprensa cansou de dar que o Lupi ia ser da Previdência, ele terminou sendo do Trabalho. E por que eu fiz isso? Primeiro, porque eu conheço o pensamento do PDT. Segundo, porque era muito complicado você colocar um companheiro para fazer uma determinada política na Previdência, que você sabe que para o seu partido é quase uma questão de fé. Certamente ele teria dificuldades em alguns temas que nós vamos ter que discutir na Previdência, para futuras gerações, e também não queremos que seja proposta do governo, nós queremos que seja uma proposta da sociedade brasileira, daqueles que pagam e daqueles que recebem a Previdência, para que a gente possa permitir que a sociedade brasileira, daqui a uma geração nova, duas gerações, tenha um sistema de seguridade social mais condizente com as necessidades dos nossos trabalhadores.

E o PDT, porque tem uma história no mundo do trabalho. Tem uma história que começa com tantos intelectuais, passa por Getúlio, passa por João Goulart e, mais recentemente, pelo nosso saudoso Brizola. Muita gente me dizia assim: “mas, Lula, você está montando o governo com muita gente que fazia crítica a você. Gedel fazia crítica a você, Lupi fazia crítica a você”. Não sei se o Miguel Jorge fazia crítica a mim, se fazia, não era pela frente, mas não fazia. E eu dizia: companheiros, quando a gente vai construir uma coalizão, a gente não quer juntar os mesmos que já nos apóiam, uma coalizão pressupõe você estabelecer uma grandeza interior capaz de absorver do teu lado, pessoas que até ontem falavam mal de você, numa disputa política, que pensavam diferente, que defendiam teses diferentes. Eu poderia citar o exemplo do Blairo, governador de Mato Grosso, que teve muitas divergências comigo. Mas na hora do pega, desculpem a expressão, na hora do “pega para capar” do segundo turno, ele enfrentou, com a maior competência do mundo, os mais reacionários, alguns reacionários que o vaiavam, que faziam faixas contra ele, mesmo sendo fazendeiros menores do que ele, mesmo entendendo menos de agricultura do que ele, ele enfrentou. Essa demonstração de grandeza é uma das coisas bonitas na política brasileira, ou seja, é um despojamento, até porque não é quem perde que tem que ter grandeza. Quem

tem que ter grandeza é quem ganha, quem tem que ter grandeza e o gesto, é quem ganha as eleições.

Portanto, a vinda do PDT para participar do governo não tem nenhuma novidade. Os incidentes que houve numa ou noutra eleição, e que poderão continuar a haver num município ou em outro, fazem parte da trajetória política deste País, onde os partidos são muito fortemente regionalizados. Mas eu não posso deixar de lembrar, por conta de uma fala contra o presidente da República, da quantidade de vezes que nós estivemos juntos neste País, desde a campanha das Diretas pela democratização deste País. Brizola foi meu candidato a vice, Brizola me apoiou em 1989, no segundo turno.

Eu me lembro, em 2002, quando o Brizola decidiu que ia me apoiar. Teve a decisão de dizer: “vamos apoiar o Lula porque é hora de apoiar o Lula.” Então, eu quero dizer para vocês o seguinte: olha, eu estou gratificado de o PDT estar voltando para onde nunca deveria ter saído, do nosso lado e do governo.

Lupi, a você toda sorte do mundo. Você conhece o movimento sindical, você sabe como é que tem que tratar essa gente, são companheiros extraordinários. Você pode ficar certo de que, quando as coisas estiverem ruins, quem estará do teu lado serão os trabalhadores brasileiros, porque eles reconhecem o trabalho que a gente faz. Então, meu caro, boa sorte, que Deus te abençoe, que o Miro não te atrapalhe, permita que você seja bem-sucedido na tua vida.

É isso, companheiros, eu quero agradecer a todos vocês, dar os parabéns e desejar boa sorte.

**Declaração à Imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita aos Estados Unidos da América
Camp David - EUA, 31 de março de 2007**

Agradeço o convite do presidente Bush. Minha visita a Camp David nos permitiu tratar de temas de interesse bilateral, regional e global.

Eu penso que o século XXI será marcado pela mudança que nós teremos que fazer e também pelo aperfeiçoamento das coisas que fizemos corretas no século XX. Já não temos mais a Guerra Fria, já não vivemos mais a bipolaridade que permeou as nossas vidas durante meio século e portanto, agora, é tratar de fazer do século XXI o século da inclusão dos deserdados no século XX. E falo dos países mais pobres da América Latina, da América do Sul, da África e da Ásia.

Temos um assunto a ser tratado no século XXI, que não tratamos bem no século XX e que pode permear as nossas relações para os próximos anos, que é a questão climática do planeta Terra. Há vinte anos, quando éramos alertados dos problemas que estávamos causando ao mundo, chamávamos de irresponsáveis os que nos alertavam, criticávamos os grupos, às vezes minoritários, que saíam à rua com suas bandeiras defendendo a preservação ambiental.

Agora, chegou a hora e a vez dos países do mundo inteiro levarem à sério a questão ambiental, porque a Humanidade enfrenta um dos maiores riscos da sua história. O aquecimento global é uma realidade que nos ameaça pela terra, pelo ar e pelas águas, um abraço enigmático que enlaça a todos, indistintamente, em qualquer ponto do planeta Terra.

O problema é assustadoramente concreto e atual, mas sua solução ainda é viável. Parte dela está ao alcance de nossas mãos. Já conversamos sobre isso duas vezes.

Conversamos sobre os biocombustíveis e sobre nossa determinação em aprofundar a cooperação nesse setor. O Memorando de Entendimento assinado em São Paulo constitui a base de uma parceria ambiciosa que permitirá enfrentar os grandes desafios deste século que começa. Primeiro, a resolução da crise energética que afeta quase todos os países do mundo;

segundo, a proteção do meio ambiente, ameaçado pelo aquecimento global do Planeta. Finalmente, a redução da pobreza e da exclusão social, com a criação de novos empregos e expansão da renda para os trabalhadores mais pobres do mundo.

Realizaremos missões de cientistas e pesquisadores brasileiros a laboratórios nos Estados Unidos e vice-versa. Vamos criar um fundo, com apoio de organismos internacionais, para financiar a cooperação com os países mais necessitados. Estamos também comprometidos com o fortalecimento do Fórum Internacional de Biocombustíveis. Convidei os Estados Unidos a participarem da conferência internacional sobre o tema, que o Brasil sediará em 2008.

A preocupação com o meio ambiente é crescente no Brasil e no mundo, sobretudo, depois dos últimos relatórios do Painel da ONU sobre mudanças climáticas. O estímulo à produção sustentável de biocombustíveis é parte decisiva do esforço para resolver esse problema.

Os biocombustíveis oferecem, igualmente, uma oportunidade ímpar de democratização energética do mundo, diversificando os centros de sua produção. Temos também obtido bons resultados em várias outras frentes.

É importante dizer ao presidente Bush, aqui em Camp David, na sua residência, que para mim a questão dos biocombustíveis é quase uma obsessão. Não sei por que, mas já se falava em biocombustíveis em 1925, já se falava em biodiesel em 1943. Entretanto, como não tínhamos dimensão dos males que o petróleo poderia causar ou outro tipo de energia poderia causar ao mundo e também porque era muito barato, isso não foi levado para a frente por nenhum país, nem pela indústria automobilística de nenhum país. E agora estamos diante de um momento em que essa nova matriz energética poderá tornar o mundo mais independente, poderá tornar o mundo mais gerador de riqueza porque a experiência que nós temos no Brasil é que, para cada trabalhador que trabalha numa usina de biodiesel, é preciso mil trabalhadores no campo. Significa que nós poderemos gerar uma quantidade de milhões de empregos pelos países mais pobres do mundo que não estava previsto em nenhum documento assinado por nós no século XX.

No Brasil, nos últimos quatro anos, reduzimos o índice de desmatamento da Amazônia em 52%. Mais de 2 milhões de hectares deixaram de ser

desmatados e, prestem atenção, mais de 400 milhões de toneladas de gás carbônico deixaram de ser emitidas na atmosfera.

Sabemos que as florestas estão entre as grandes vítimas das mudanças climáticas. Nas negociações da Convenção sobre Mudança do Clima propusemos incentivos financeiros para cada tonelada de gás carbônico que deixe de ser emitida, como resultado da redução do desmatamento. Esperamos que nossa proposta tenha o apoio da comunidade internacional e, obviamente, especialmente dos Estados Unidos da América do Norte.

Poderemos, assim, estabelecer uma parceria tanto na promoção de biocombustíveis quanto no combate à intensificação do aquecimento global e do próprio desmatamento, com pleno respeito à soberania de cada país.

O Brasil possui a maior e mais importante biodiversidade do Planeta. Temos consciência do valor que esse patrimônio natural representa para o nosso país e para o mundo. O Brasil, com 383 milhões de hectares de área agricultável, pode conciliar a produção de alimentos, a produção de biocombustíveis e a defesa de nossas florestas.

Nosso conhecido compromisso com o combate à fome não nos permite que qualquer atividade venha a prejudicar a produção de alimentos. Aliás, o presidente Bush sabe e eu sei, e acho que todos os governantes sabem que a fome no mundo não é gerada por falta de alimentos mas, sim, pela falta de renda e de decisão política de garantir comida para todo mundo.

Falando com o presidente Bush sobre a preocupação de meu governo com o combate à fome e à pobreza, mencionei nossa preocupação com a Rodada de Doha da OMC. Ela é central na luta contra a pobreza. E saio de Camp David com a certeza de que nunca vi, em todas as conversas que tive com o presidente Bush, ou que o Celso teve com a Condoleezza, em nenhum momento eu saí daqui com o otimismo que eu saio, de que estamos mais próximos do que jamais estivemos de fazer um acordo na Rodada de Doha.

Estamos tentando concluir com êxito essas negociações comerciais. Temos urgência em chegar a um acordo ambicioso e equilibrado. A persistência de subsídios agrícolas encarece os alimentos e desestimula sua produção nos países pobres. Sem a eliminação dos subsídios, a oportunidade de desenvolvimento representada pelos biocombustíveis será perdida e, com ela, a possibilidade de melhoria das condições de vida de centenas de milhões

de homens e mulheres.

Por isso é necessário ir eliminando as barreiras ao etanol, para fazer valer uma verdadeira commodity energética. Eu sonho que dentro de, no máximo, 15 a 20 anos, o mundo se renderá aos biocombustíveis. Portanto, quem acredita nisso precisa começar a investir já e agora. Se ficar para depois, vai perder o trem e possivelmente vai ficar atrasado na história de modernização.

Meus amigos e minhas amigas,

Naturalmente, falei com o presidente Bush sobre a preocupação brasileira sobre a questão da reforma da ONU. Aí, é onde temos mais divergências. Mas também em política, se não tivermos divergência, não tem graça fazer política. Mas eu fiz questão de dizer ao presidente Bush qual era a visão do Brasil, o presidente Bush me disse qual era a sua visão e chegamos à conclusão, e certamente não ainda a um acordo, de que a reforma da ONU passa por muitas outras reformas que precisamos fazer dentro da própria ONU, para poder garantir a reforma do Conselho de Segurança. Como eu só tenho 61 anos de idade e tenho mais quatro anos de mandato, eu estou convencido de que nós vamos, não muito tempo, ver esse conselho mudado e a ONU reformada.

Eu sei que é um assunto complexo, mas que também não pode mais ser adiado. Estou seguro de que o diálogo entre nossos países contribuirá para encaminhar o tema da maneira mais rápida e apropriada.

Falamos sobre outros temas da agenda internacional, como a situação do Oriente Médio, em especial o Líbano. Talvez muitos não saibam, e eu disse ao presidente Bush, que no Brasil nós temos uma comunidade de mais de 10 milhões de habitantes descendentes sírio-libaneses.

Por isso mesmo, temos procurado estar presentes nos foros que tratam do assunto e, dentro de nossas possibilidades, cooperar para a reconstrução do Líbano. Também temos procurado ajudar a construção de um estado Palestino viável e respeitoso de Israel.

Meus amigos e minhas amigas,

Abordamos temas importantes da nossa agenda regional. Disse ao presidente Bush que temos de fazer mais pelo Haiti. E aí é interessante lembrar que fizemos acordos para não apenas trabalharmos juntos no Haiti,

trabalharmos juntos na República Dominicana, trabalharmos juntos em países como São Tomé e Príncipe, trabalharmos juntos na Guiné Bissau. E se essas experiências forem exitosas, nós teremos muito mais espaço para construir projetos entre Estados Unidos e Brasil, para que a gente possa ajudar terceiros países.

Nós concordamos que a cooperação em biocombustíveis com o Haiti poderá ser decisiva. Não basta estarem as Forças Armadas do Brasil, do Chile e da Argentina no Haiti. É preciso garantir a democracia, é preciso garantir a governabilidade, é preciso garantir a segurança, mas se não tiver desenvolvimento e emprego, tudo isso ruirá em pouco tempo.

Disse ao presidente Bush que o Brasil aposta firmemente na integração da América do Sul. Aliás, presidente Bush, essa é uma outra coisa que eu persigo desde o meu primeiro dia de governo. Se nós quisermos garantir a democracia na América do Sul, se nós quisermos garantir o desenvolvimento da América do Sul, se nós quisermos garantir o fortalecimento das instituições na América do Sul, nós temos que ter consciência de que a integração física é condição básica para esse desenvolvimento e, quem sabe, os Estados Unidos possam ser um parceiro do Brasil e de outros países da América do Sul na integração física que tanto precisamos. E nós entendemos que é isso que vai garantir o desenvolvimento, garantir a democracia e, portanto, termos as oportunidades que não tivemos, anos atrás, de nos desenvolvermos.

Estamos obtendo avanços extraordinários com a integração, expandindo o comércio e realizando as obras de infra-estrutura que podemos realizar. No fundo, no fundo, nós estamos aproximando os nossos povos, que durante tanto tempo ficaram de costas um para o outro. Por isso, eu convidei o presidente Bush e os Estados Unidos a serem parceiros nesse processo de integração e de construção da integração física do nosso Continente.

Mencionei ao presidente Bush o papel importante que os Estados Unidos podem ter com países da América do Sul em situação especial, aqueles que necessitam das preferências comerciais. É extremamente importante que os Estados Unidos apoiem esses países. Nós temos que apoiá-los porque isso garante a estabilidade regional, que interessa ao Brasil, interessa a todos os países da América do Sul e, certamente, interessa aos Estados Unidos da América do Norte.

Juntos, podemos prestar assistência a países que ainda têm muitas carências, sobretudo na África. Já falei aqui do acordo que nós assinamos para a Guiné Bissau e para São Tomé e Príncipe.

O desafio, presidente Bush, do mundo de hoje, no comércio, na segurança, no meio ambiente, no combate à pobreza, são imensos. Para resolver essas questões, o único caminho é o diálogo, com franqueza e com muito respeito mútuo.

Com esse objetivo, tenho dito ao presidente Bush que estou disposto a reunir-me com ele quantas vezes forem necessárias, e com todos os chefes de Estado do mundo quantas vezes forem necessárias, para que a gente possa neste século XXI despertar um pouco de alento na parte da população mais pobre do Planeta.

Nós temos na mão o poder de fazer coisas, não o faremos se não quisermos. Por isso – antes de responder às perguntas da imprensa, com o presidente Bush – eu quero dizer, presidente Bush, que de todas as reuniões que participei, em reuniões com o governo americano, esta foi a reunião mais produtiva. Se alguém perguntar para mim: “o que você está levando para o Brasil?” Certamente, eu direi: nada. Agora, certamente, os acordos que nós assinamos hoje e os acordos que poderemos assinar daqui para adiante podem garantir, definitivamente, que as relações entre os Estados Unidos e o Brasil não só são necessárias, mas são estratégicas para que a gente possa consolidar um novo modelo de desenvolvimento, uma nova política comercial e, sobretudo, uma nova maneira de tratar os problemas graves que hoje afligem o Planeta.

Por tudo isso, muito obrigado.